



OPÚSCULO SOBRE AS ORIGENS DA ORDEM DOS PREGADORES

Beato Jordão de Saxônia

Textos das Fontes OP

INTRODUÇÃO

São Domingos de Gusmão é um dos grandes homens da História, que deixou após si grandes obras e muitos seguidores, mas nenhum escrito. Dele foram-nos transmitidas algumas cartas ocasionais e, em algumas passagens das primitivas Constituições da Ordem dos Pregadores, por ele fundada, também se encontram pontos provenientes de suas mãos. Nada mais! Também nisto foi um imitador de Jesus Cristo, o qual muito trabalhou e ensinou, mas pouco escreveu; e esse pouco, o escreveu sobre a areia... A verdadeira herança de Domingos é sua obra viva e seu carisma, encarnados nos seus filhos através dos séculos, nos membros da Família Dominicana.

Por tais motivos, é fácil compreender porque a primeira geração dominicana sentiu logo a necessidade de pôr por escrito a memória das origens da Ordem, sobretudo os dados históricos da vida e do carisma do Fundador. Como fruto concreto de tal preocupação chegou até nós uma longa série de escritos, que constituem para nós o ponto de referência indispensável para o conhecimento de nossas raízes. Recordemos o Processo de Canonização, os Milagres de São Domingos da Beata Cecília, as Vidas dos Frades de frei Geraldo de Frachet, a Legenda Maior de frei Pedro Ferrando, e diversos outros. A lista seria longa.

O primeiro de todos esses escritos, em ordem de tempo e de importância, é o “*Libellus de Principiis Ordinis Preadicatorum*”, composto pelo Beato Jordão de Saxônia. Também por seu valor histórico, é o texto de maior autoridade entre as fontes Dominicanas e entre as obras do mesmo autor. A tradução literal do título seria: “Pequeno livro sobre as origens da Ordem dos Pregadores”.

Jordão de Saxônia foi um dos primeiros discípulos de São Domingos e o seu primeiro sucessor na direção da Ordem. Filho dos condes de Eberstein, nasceu no Castelo de Padberg, na Saxônia (Germânia). Era licenciado em Teologia na cidade de Paris, quando se encontrou com São Domingos, de passagem por aquela cidade em 1219. O encontro foi decisivo para a sua vida. Ele mesmo o diz: “Confessei-me com ele e, por ele encorajado, decidi-me a aceitar o diaconato e vesti este hábito quatro anos depois da fundação da Ordem”.

Estava-se bem no começo da Ordem, na fase dos primeiros passos da nova família religiosa. A carreira, digamos assim, de Jordão na Ordem foi surpreendentemente rápida: entrou para a Ordem em fevereiro de 1220; um ano depois, já era Prior Provincial na Lombardia; e apenas dois anos após, em 1222, os religiosos reunidos em Capítulo Geral na cidade de Paris, por unanimidade o indicaram - com 32 anos de idade - para sucessor de São Domingos no cargo de Mestre Geral da Ordem. Jordão permaneceu nesse cargo até 1237, quando morreu num naufrágio ao regressar da Terra Santa. Na história da Ordem Dominicana, Jordão representa a passagem do momento carismático para o institucional. De fato, a ele coube o trabalho não fácil de sistematizar os valores da intuição originária do Fundador, mediante normas e estruturas de vida, que haveriam de caracterizar a nova família religiosa nos territórios da Cristandade e nas terras de missão. Ele orientou com muita prudência a não sempre pacífica inserção do novo carisma no organismo da instituição eclesial.

Jordão foi também um grande apóstolo entre a juventude estudantil, nas Universidades do seu tempo. Em tal ambiente, conseguiu conquistar muitas vocações para a Ordem nascente. Nas suas cartas de direção espiritual escritas à Beata Diana de Andaló - monja dominicana de Bolonha - Jordão nos deixou o testemunho dessa atividade de promotor vocacional, estreitamente ligada à sua pastoral universitária:

“Eu pregava durante muito tempo aos estudantes de Pádua... Já entraram dez...” (Carta 20). “Por graça divina, recebi trinta e três noviços; todos de bons costumes e ótima cultura... Esperávamos ainda muitos outros. Seis já estão bastante ligados à Ordem” (Carta 21). “Após minha chegada a Paris, vinte e um noviços entraram no breve espaço de quatro semanas; seis são mestres em artes, outros são licenciados. Todos eles, jovens de boa cultura e aptos para a nossa Ordem” (Carta 32). “A graça de Deus agiu frutuosamente entre os estudantes da Universidade, aos quais preguei. Do Advento à Páscoa, quase quarenta noviços entraram para a Ordem” (Carta 35).

Esses números nos permitem avaliar o ritmo de expansão da Ordem de São Domingos naqueles primeiros decênios. Nos quinze anos de seu generalato, Jordão fundou mais de 200 novos conventos dominicanos em toda a Europa. Entre os numerosos méritos deste singular conquistador de jovens, devemos colocar também o de ter sido o primeiro biógrafo de São Domingos e o primeiro historiador da Ordem. E tal mérito acha-se associado sobretudo à composição do *Libellus* cujo texto apresentamos nesta publicação.

O Libellus: um livro escrito para os jovens

A iniciativa de perenizar num escrito a memória da vida do fundador e das origens da Ordem tomou vulto uns dez anos após a morte de São Domingos. Foi por ocasião da primeira transladação dos seus restos mortais na igreja de São Nicolau, em Bolonha. Essa transladação ocorreu no dia 24 de maio de 1233, e ficou amplamente documentada pela Carta Circular que Jordão enviou a todas as comunidades dominicanas, bem como pelas Atas do Processo de canonização. O texto dessa Carta Circular pode ser encontrado no fim deste volume, como apêndice a esta tradução do Libellus. A santidade de Domingos foi reconhecida oficialmente no ano seguinte, aos 03 de julho de 1234. Como a data de redação do Libellus é colocada no inverno do ano de 1233-1234, conclui-se que o contexto era de euforia, graças à suprema exaltação do fundador e, indiretamente, à consagração definitiva do seu carisma.

Jordão decidiu escrever o texto, como resposta aos pedidos de muitos religiosos da Ordem, especialmente dos mais jovens, desejosos de conhecer os detalhes da vida de São Domingos e da fundação da Ordem: “Muitos confrades desejam saber - e o pedem com insistência - como surgiu a Ordem dos Pregadores... quais foram os primeiros frades da mesma...,” De fato, muitos deles haviam entrado recentemente e não tinham conhecido pessoalmente o fundador. Tinham bem o direito de desconhecer muita coisa, que os frades da primeira geração haviam vivido pessoalmente. Tratava-se da necessidade de transmitir a memória ‘exemplar’ do carisma originário, o qual começava a impor-se com o passar dos anos. Era uma exigência indispensável, para a preservação da identidade e dos valores próprios da Ordem.

Mas, ao redigir o texto do Libellus, Jordão manifesta ainda, explicitamente, uma outra preocupação, que prova seu grande amor pela nova geração de frades e por todos os jovens que, no futuro, iriam sentir-se atraídos pelo ideal de Domingos de Gusmão. De quanto ele mesmo afirma, podemos dizer que ele escreveu o Libellus pensando sobretudo nos jovens: “Resolvi, sim, registrar por escrito as coisas que eu mesmo vi e ouvi, e as que soube pela narração dos primeiros frades, sobre os começos da Ordem, sobre a vida e os milagres de nosso bem-aventurado pai Domingos e de alguns outros frades, segundo se fixou na memória a ocorrência de tais fatos, para que os filhos que vieram a nascer e crescer (Sl. 77, 6) não ignorem as origens desta Ordem; e não seja vão o seu desejo de saber quando, ao longo do desenrolar do tempo, já não se possa encontrar quem seja capaz de narrar algo de certo sobre essas mesmas origens”.

“Os filhos que vierem a nascer”! É a linguagem de um pai de família, preocupado com o bem dos filhos, netos e tataranetos... Hoje, já são quase oito séculos que as gerações desses ‘filhos’ vêm se sucedendo. Ora, foi para eles que o grande coração de Jordão produziu esta preciosa “Memória” das origens do carisma dominicano. Foi para tais filhos, provenientes de todos os tempos e

nações; para que pudessem reviver, pelo menos em parte, o vigor das origens e a força do ideal que reconheceram e amaram, e ao qual pretendem consagrar sua jovem existência.

Este texto nos oferece, portanto, o testemunho vivo do sentimento de... paternidade responsável, que animava a primeira comunidade dominicana. É um modelo, um lembrete para a comunidade dominicana de hoje!

O Conteúdo do Libellus

Digamos logo: não se trata de uma biografia de tipo medieval, destinada a exaltar a contínua presença do ‘milagre’ na vida de um santo. O Libellus é mais uma crônica, uma memória, orientada a descrever, no modo mais objetivo possível, o conjunto de fatos e as circunstâncias que, a partir de São Domingos, levaram à fundação da Ordem.

De modo especial transparece, neste escrito, a intenção de explicar, a partir do seu íntimo, como desabrochou a intuição do ideal da “vida apostólica”, no qual se inspirava a caminhada de Domingos e da comunidade primitiva. Podemos afirmar, assim, que o verdadeiro protagonista desta crônica é aquilo que nós, hoje, chamamos de “Carisma da Ordem dos Pregadores”. Jordão conta sua gênese e sua progressiva afirmação. É evidente que, em tal narrativa, a parte preponderante é reservada aos acontecimentos da vida de São Domingos. Todavia, parece que tais acontecimentos encontram espaço na exposição apenas na medida em que servem para manifestar a origem da Ordem.

Nesse sentido, serve de modelo a passagem em que Jordão narra o encontro de Domingos com o ‘desafio’ da heresia e a conversão que tal encontro nele produziu, ou seja, a ‘conversão’ para um seguimento mais radical de Cristo e, sobretudo, a descoberta da pobreza evangélica como imitação de Cristo pobre e solidário com os oprimidos. Aquele encontro transformou o nobre filho dos condes de Gusmão, o cônego da Catedral de Osma, o clérigo orientado para a ‘carreira eclesiástica’, no frei (irmão) Domingos, mendicante e humilde servo da pregação. Realmente, neste texto, como já nas narrativas dos Atos do Apóstolos, nos é mostrado como o Espírito conduz a história e nela constrói, misteriosamente, o seu Reino.

Valor histórico do Libellus

O autor desta memória escreve com a autoridade de quem viu e ouviu. Ele mesmo afirma o valor do seu testemunho: “...de todas estas coisas, no seu desenrolar, tenho conhecimento. E embora não seja dos primeiríssimos frades, todavia convivi com eles e tive bastante familiaridade com o próprio bem-aventurado Domingos, seja antes, como depois do meu ingresso na Ordem”. Portanto, Jordão é testemunha direta de muitos dos fatos e acontecimentos que ele relata no Libellus. Ele é também receptor qualificado dos testemunhos

de muitos confrades da primitiva comunidade dominicana. Quando redigiu o texto do Libellus, ainda viviam pelo menos três dos primeiros companheiros de Domingos: Pedro Seila, João da Espanha e Bertrando de Gárriga. Viviam igualmente quase todos os religiosos chamados à Ordem pelo próprio São Domingos. Na função de Mestre Geral da Ordem, Jordão visitara diversas vezes as diversas Províncias e pudera entrar em contato direto com todos eles, recolhendo seu testemunho pessoal. Seu escrito foi, portanto um esforço de memória e de pesquisa, sempre guiado pela preocupação da verdade histórica. No texto, ele mesmo diz que teria outros fatos para contar, mas que preferia deixá-los de lado, por não possuir plena certeza a seu respeito: “Ouvimos contar muitos fatos, mas não o pusemos por escrito devido às divergências dos narradores. Temíamos que, descrevendo coisas de maneira insegura, fossemos gerar um juízo incerto nos leitores”. Singular escrúpulo, este, num historiador medieval! No caso, redundava ele em vantagem para a objetividade e, por isso mesmo, para o valor da narrativa.

É com muita alegria que publicamos, pela primeira vez em língua portuguesa, esta preciosa memória deixada por Jordão de Saxônia. Fiéis às intenções do autor, dedicamos este texto sobretudo aos jovens da nova geração da Família Dominicana que, no Brasil de hoje, cada vez mais numerosos continuam a bater à nossa porta, a fim de partilhar conosco o ideal evangélico de São Domingos. Foi também para eles, que Jordão escreveu na introdução do Libellus esta exortação: “Portanto, ó irmãos e filhos muito amados em Cristo! Acolhei devotamente quanto segue e que foi recolhido para vossa consolação e edificação. E que o desejo de imitar a caridade dos primeiros frades faça crescer o vosso favor”.

Que este texto ajude a esses jovens e a todos nós, filhos de São Domingos, a reconhecer o seu carisma, para vivê-lo com fidelidade cada vez maior, na realidade do nosso Brasil.

Mariano Foralosso O.P.

PRÓLOGO PARA A DESCRIÇÃO DAS ORIGENS DA ORDEM DOS PREGADORES

1. A todos os Frades, filhos da graça e co-herdeiros da glória, Frei Jordão, seu servo inútil, saudação e alegria em continuar na santa profissão.

2. Vários confrades me pediram e desejaram saber como se deu a fundação desta Ordem dos Pregadores, pela qual a Divina Providência acudiu aos perigos destes últimos tempos, quais foram os primeiros frades de nossa Ordem, como se multiplicaram e foram confortados pela graça. Tudo foi há pouco investigado e comprovado pelos próprios frades que tomaram parte nos primeiros inícios e viram e ouviram o venerável servo de Cristo, fundador e primeiro Mestre e frade desta Ordem, Domingos, que, vivendo neste mundo entre pecadores, convivia em espírito com Deus e com os anjos, fiel guarda dos mandamentos, batalhador dos conselhos, servindo, com tudo o que soube e o que pôde, ao seu eterno Criador e refulgindo, por uma vida inocente e pela pureza das mais santas relações, na negra escuridão deste mundo.

3. Resolvi então pôr tudo isso em ordem. É verdade que eu não fui rigorosamente dos primeiros. Com os primeiros, porém convivi. E conheci bastante o próprio bem-aventurado Domingos e com ele convivi familiarmente, não só antes de entrar na Ordem, mas sobretudo depois que nela ingressei. Confessei-me com ele. Por sua vontade é que fui ordenado diácono e recebi este hábito quatro anos depois que a Ordem foi fundada. Resolvi, sim, registrar por escrito as coisas que eu mesmo vi e ouvi, e as quais soube pela narração dos primeiros frades, sobre os começos da Ordem, sobre a vida e os milagres do nosso bem-aventurado Pai Domingos e de alguns outros frades, segundo se me fixou na memória a ocorrência de tais fatos, para que se ergam os filhos que vierem a nascer (Salmo 77,6) não ignorando as origens desta Ordem e não seja vão o seu desejo de saber, quando, ao longo do desenrolar do tempo, já não se possa encontrar quem seja capaz de narrar algo de certo sobre essas mesmas origens.

Portanto, irmãos e filhos diletíssimos, acolhei devotamente quanto segue e que foi recolhido para vossa consolação e edificação. E que o desejo de imitar a caridade dos primeiros frades faça crescer o vosso fervor.

COMEÇA A NARRAÇÃO

Diogo, Bispo de Osma

4. Em terras da Espanha, havia um homem de vida venerável, chamado Diogo, Bispo da Igreja de Osma, ilustre pelo conhecimento das Sagradas Letras, pela nobreza do seu nascimento, segundo século, e mais ainda pela nobreza de seus costumes. Aderia a Deus com tanto amor que, renunciando a si mesmo e procurando unicamente o que é de Jesus Cristo, (Fil. 2,21) absorvia o espírito e a intenção no cuidado de, constituído fiador de muitas almas, restituir ao Senhor com ricos juro o talento que lhe fora confiado (Mt. 25, 14ss). Onde quer que pudesse descobrir homens louváveis pela honestidade de vida e de costumes, preocupava-se com os modos com que os pudesse atrair e colocar, com benefícios, na Igreja que governava. Aqueles de seus súditos, cuja vontade de santificar-se fosse tibia, inclinada mais para o mundo, aconselhava com palavras e convidava pelos exemplos a abraçar uma forma de vida mais piedosa e de costumes mais dignos de louvor, daí o seu esforço em convencer os cônegos, com freqüentes conselhos e incessante exortação, que se colocassem sob a Regra de Santo Agostinho, para a observância da vida canônica, e o fez com tal empenho que os inclinou a esse desejo seu, embora dentre eles não faltassem contraditores.

São Domingos e Sua Juventude

5. No tempo dele, houve um jovem chamado Domingos, filho da cidade de Caleruega, na mesma diocese. À sua mãe, antes de concebê-lo, foi mostrado em visão que trazia no ventre um cachorro, com uma tocha acesa na boca e que, saindo do seu ventre, parecia incendiar o universo inteiro. Com isso se prefigurava que por ela seria concebido um grande pregador que, com o latido (da santa palavra) havia de acordar as almas adormecidas no pecado, e havia de propagar pelo mundo todo o fogo que o Cristo veio atizar na terra.

Desde os anos da infância, nutria-o o cuidado de seus pais e de um seu tio arcepreste. Cedo o fizeram instruir-se na carreira eclesiástica para que aquele que Deus previra que seria um instrumento escolhido (At. 9,15) já na infância, como um jarro novo, se impregnasse do odor da santidade, a fim de nunca mais perdê-lo.

6. Foi mandado depois a Palência para se formar nas ciências liberais, cujo estudo ali florescia então. Quando lhe pareceu tê-las aprendido bastante, deixou esses estudos como se receasse gastar neles, menos frutuosamente, as parcas economias deste tempo. Passou para o estudo da Teologia e começou a beber sequiosamente as divinas confidências, mais doces, aos seus lábios, que o próprio mel (Sl. 118,103).

7. Nesses sagrados estudos, viveu assim quatro anos, durante os quais hauria as perenes torrentes das divinas Escrituras com tal aplicação e avidez, que a sede de aprender lhe tirava o sono à noite, e a memória infatigável guardava, lá nos íntimos tesouros da alma, a verdade que entrava pelos ouvidos. Tudo o que recolhia, com a sua facilidade de aprender, regava de piedosos afetos. E de tudo germinavam obras de salvação, sendo nisto sem dúvida feliz, segundo a afirmação daquele que no Evangelho declarava: “felizes aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lc. 11,28).

Dois são os modos de guardar a palavra de Deus: o primeiro retendo na memória o que recebemos pelo ouvido; o segundo confiando ao afeto e expandindo na ação o que ouvimos. Ninguém duvida que este segundo modo seja o mais recomendável, pois o grão de trigo melhor se guarda confiado à terra do que trancado no celeiro (Sl. 143,13). O servo de Deus, cujas atitudes e ações proclamavam abertamente o que trazia guardado no coração, não falhava em nenhum dos dois modos. Porque abraçava com tão fervoroso afeto os mandamentos do Senhor (Sl. 118,69), acolhendo a voz do esposo com tão piedoso entusiasmo e boa vontade, o Deus das ciências lhe aumentou a graça para que não só se tornasse capaz de beber o leite (da doutrina) (1Cor. 3,2), mas também penetrasse por uma profunda intuição do coração o mistério de questões mais difíceis, e engolisse, com uma facilidade mais do que suficiente, o segredo do alimento sólido.

8. Desde o berço foi de ótima índole, e a infância já prenunciava algo de extraordinário, que se havia de esperar na idade madura. Não se metia nas brincadeiras e nunca andou às voltas com os que vivem de leviandade (Tob. 4,15ss), mas qual o calmo Jacó, evitava as andanças do Esaú (Gên. 25,27), não abandonando o regaço da mãe Igreja nem o aconchego da santa quietude. Nele você veria um jovem e um ancião: da infância, falava a pequena idade; revelavam o ancião a maturidade no trato e a constância no proceder. Rejeitava os afagos do mundo sensual, palmilhando um caminho imaculado (Sl. 100,6). Até o fim de seus dias, conservou ilibado, para o dono do seu amor, o fulgor de sua virgindade.

O Que na sua Meninice Apareceu a sua Mãe

9. Já na sua meninice, Deus se dignou mostrar, de certo modo, que alguma coisa extraordinária se podia esperar daquela criança. Apareceu, numa visão, à sua mãe, tendo na testa uma estrela pela qual certamente era prefigurado que, um dia, ele seria como que a luz dos povos (At. 13,47) a refulgir para aqueles que jazem nas trevas e na sombra da morte (Lc. 1,79), o que o futuro se encarregou de confirmar.

O que em tempo de fome fez para os pobres

10. Por esse tempo, estando em Palência a estudar, alastrou-se uma fome por quase toda a Espanha. Então, vivamente tocado pela necessidade dos pobres e movido por um sentimento de compaixão, resolveu, por um gesto, ao mesmo tempo corresponder aos conselhos do Senhor, e, na medida dos seus recursos, acudir à miséria dos indigentes que morriam. E assim, vendendo os livros que lhe eram tão necessários, como também todo o seu enxoval, distribuiu o dinheiro aos pobres (Sl. 11,9). Com este exemplo de caridade, de tal modo influiu nos ânimos de seus colegas e de seus mestres que, diante da liberalidade do jovem, tomaram consciência de seu mesquinho descuido e começaram a expandir-se em esmolas mais generosas.

Como foi chamado para a Igreja de Osma

11. E assim, o servo de Deus cultivava os impulsos do seu coração (Sl. 83,6) e avançava de virtude em virtude, tornando-se cada dia melhor do que era antes e parecia um prodígio aos olhos de todos no meio dos quais cintilava, pela inocência da vida, como a estrela d'alva entre as nuvens (Sl. 83,8). Sua fama chegou aos ouvidos do próprio Bispo de Osma que, inteirando-se da verdade, chamou-o para sua Igreja, fazendo-o cônego regular.

12. Desde o primeiro momento, ele fulgurou entre os cônegos como um astro singular, profundíssimo na humildade, sublime na santidade, para todos se tornando odor de vida que leva à vida (2Cor. 2,16) e como um raro incenso espalhando sua fragrância no verão (Ecl. 50,8). Maravilhavam-se todos diante de tão precoce e nunca visto ápice de perfeição religiosa e o fizeram superior para que, colocado em refletor mais alto, brilhasse aos olhares de todos e a todos animasse pelos exemplos.

Qual oliveira verdejante (Sl. 51,10), qual cipreste que sobe até as nuvens (Ecl. 50,11), dia e noite ficava na igreja, entregue à oração continuamente. Dando-se todo aos lazes da contemplação, mal era visto fora dos muros do mosteiro. Concedera-lhe Deus a graça especial de chorar pelos pecadores, pelos infelizes e pelos aflitos, cujas tristezas carregava no íntimo escrínio da compaixão. E o sentimento que por dentro ardia, exteriorizava-se em torrente de lágrimas.

13. Com muita freqüência costumava passar as noites em oração e, de portas fechadas (Mt. 6,6), orava ao seu Pai. Durante esse tempo, em meio às orações, costumava dar vazão, com soluços e clamores, ao gemido de seu coração, sem poder reprimir esse desabafo que distintamente se ouvia de longe (Sl. 37,9). A Deus, o seu constante e especial pedido era que lhe concedesse uma caridade verdadeira e eficiente para zelar e trabalhar pela salvação dos homens, achando que só seria realmente membro do Cristo quando gastasse todas as forças em ganhar almas (1Cor. 9,19) assim como o Senhor Jesus, Salvador, todo se entregou para nossa salvação. Lia certo livro intitulado “As Conferências dos Padres”, que trata dos vícios e de toda a matéria da perfeição espiritual, e se empenhava em achar nele os caminhos da salvação, tudo fazendo por segui-los com todo o vigor do espírito. Este livro, com a ajuda de Deus, levou-o a conquistar uma rara pureza de consciência, uma grande luz de contemplação e uma grande altitude de perfeição.

Como partiu com o Bispo de Osma para as marcas

14. Enquanto era assim afagado pelos braços da bela Raquel (a vida contemplativa), a inconformada Lia (a vida ativa) lhe suplicava (S. Tomás II, qu. 179, a.2) que vindo ter com ela, lhe amenizasse o opróbrio de sua fealdade, com uma prole numerosa.

Aconteceu assim que Afonso, Rei de Castela, desejou fazer o casamento de seu filho Fernando com uma nobre do reino das Marcas. Recorreu por isso ao mencionado bispo de Osma, pedindo-lhe que fosse o intermediário desse negócio. O Bispo aquiesceu ao pedido do Rei e logo, procurando uma companhia de acordo com as exigências de sua virtude, levou consigo o homem de Deus, Domingos, subprior de sua Igreja e, pondo-se a caminho chegou até Tolosa.

15. Como notasse que, desde muito, os habitantes dessa terra eram hereges, começou a encher-se de pena de tantas almas tão tristemente iludidas. Naquela mesma noite em que pousaram nessa cidade, o subprior discutiu vigorosa e ardentemente com o dono da hospedaria e tal foi sua argúcia e força persuasiva que, com a ajuda do Espírito de Deus, ganhou-o para a fé, não conseguindo esse herege resistir à sabedoria e ao Espírito que o fazia falar (At. 6,10).

16. Depois partiram dali e, à custa de muitos sacrifícios, chegaram ao lugar de destino, onde morava a jovem. Expuseram o motivo da viagem e, obtendo o seu consentimento, apressaram-se em voltar para dar contas ao rei, a quem o bispo comunicou o bom êxito de sua missão e a aceitação da jovem. Então o rei resolveu enviá-lo de novo com maior aparato a fim de trazer, com todas as honras, a noiva de seu filho. Empreendendo outra vez a penosa viagem, quando chegou às Marcas, tinha a jovem falecido nesse meio termo. A esta sua viagem, Deus reservava uma causa mais salutar. Visava, por ocasião dela, o início de muito mais excelentes núpcias entre Deus e as almas que, por toda a Igreja, haviam de ser convocadas dos inúmeros desvios dos pecados para o consórcio da eterna salvação (2Cor. 11,2), como provaram os acontecimentos

que se seguiram.

Como foi ao Papa e o que tratou com ele

17. Tendo enviado um mensageiro ao rei, o bispo aproveitou a oportunidade para chegar até a Cúria Romana com os seus clérigos. Pediu insistentemente ao Sumo Pontífice Inocência III que, se fosse possível, aceitasse a sua resignação (à Diocese), multiplicando argumentos tirados da própria insuficiência e da dignidade do ofício tão acima de suas forças. Revelou também ao Sumo Pontífice que, se ele se dignasse aceitar a sua resignação, desejava, do fundo do coração, consagrar-se inteiramente à conversão dos Cumanos. O papa não cedeu à insistência deste pedido e não quis permitir, nem tão pouco ordenar para a remissão dos pecados, que o Bispo (de Osma) penetrasse no país dos Cumanos para pregar. Era um secreto desígnio de Deus, que reservava os trabalhos desse homem tão eminente para o copioso fruto de outra seara de salvação.

Como recebeu o hábito dos Cistercienses

18. Na viagem de volta visitou Cister, onde, observando o modo de vida de tantos servos de Deus e atraído pelo seu alto nível religioso, aí mesmo recebeu o hábito monástico. E trazendo consigo alguns monges, pelos quais fosse instruído neste sistema de vida, apressava-se em voltar para a Espanha sem nem sequer suspeitar que, por divina disposição, encontraria em caminho um empecilho à sua pressa.

O Conselho que deu aos que foram enviados pelo Papa

19. Nessa mesma época o Papa Inocência enviara com um legado doze Abades da Ordem Cisterciense para pregar a fé contra os hereges Albigenses. E estes, reunidos em Concílio com os Arcebispos, os Bispos e outros prelados daquela região, discutiam qual fosse o modo de executar mais frutuosamente a missão a que tinham sido enviados.

20. Enquanto eles se achavam em Concílio eis que o nosso Bispo de Osma passou por Montpellier, onde se efetuava a reunião. Vendo-o chegar, receberam-no com todas as honras e lhe pedem conselho sabendo que se trata de um homem santo, prudente, justo e cheio de zelo pela fé. Homem circunspeto e conhecedor dos caminhos de Deus, começou por se informar dos ritos e costumes dos hereges. Chamou a atenção para o modo como conseguiam atrair vários para o lado de sua perfídia, à custa de discussões, pregações e exemplos de fingida santidade. Vendo, ao contrário, um grande e excessivo luxo nos gastos, nos cavalos e nas roupas daqueles que tinham sido enviados, disse: “Não é assim, meus irmãos, não é assim que, segundo eu penso, deveis proceder. Parece-me impossível que sejam reconduzidos à fé somente por palavras, esses homens que estão apoiados sobre exemplos. Vede que os hereges arrastam as pessoas simples para os seus caminhos, aparentando piedade (2Tim. 3,5) e fingindo exemplos de sobriedade evangélica e de austeridade. Assim sendo, se vindes

agora ostentar o contrário, pouco edificareis, destruireis muito e de modo algum aceitarão. Arrancai um prego com outro prego. Desmenti a falsa santidade pela verdadeira prática da religião, pois a aparência enganadora dos falsos apóstolos só pode ser vencida por uma humildade autêntica. Assim é que São Paulo foi levado a se fazer insensato (2Cor. 22,11) enumerando suas virtudes, contando vantagem de suas austeridades e dos perigos que passou, a fim de desmascarar a arrogância daqueles que se pavoneavam de uma vida meritória”. Disseram-lhe eles: “Que conselho então nos dá, bom pai?” Respondeu-lhes: “Fazei o que me virdes fazer...” E logo, atuando nele o Espírito do Senhor (1Reg. 10,10), chamou os seus e os mandou para Osma com cavalos, alfaias e todo o aparato que trouxeram consigo, retendo apenas alguns clérigos em sua companhia. E disse que a sua intenção era demorar-se naquela terra para propagar a fé.

21. Segurou também consigo o nosso subprior Domingos, a quem muito estimava e com quem estava ligado por um grande sentimento de amizade. É este o Frei Domingos, primeiro frade e fundador da Ordem dos Pregadores que, de então em diante, começou a se chamar não mais subprior mas frei Domingos. Domingos, verdadeiramente Dominicus, do Senhor, guardado inocente do pecado pelo seu Senhor, e zeloso dos seus preceitos, verdadeiramente “do Senhor”, guardando-lhe a vontade com toda a sua energia.

22. Então os Abades, atendendo ao conselho e animados pelo exemplo, resolveram fazer também o mesmo. Mandaram de volta aos seus lugares tudo o que haviam trazido, conservando consigo apenas os livros necessários para a reza do Ofício, para o estudo e para as controvérsias. E considerando o Bispo como seu chefe e cabeça de toda a missão, saíram a pé, sem dinheiro, anunciando a fé em voluntária pobreza. Ao ver isso, os hereges, de seu lado, começaram a pregar mais fortemente.

23. Ora, em Pamiers, Lavaur, Montréal e Fanjeaux, havia, em dias marcados, freqüentemente polêmicas oficiais, presididas por juizes devidamente indicados, às quais acorriam a gente graúda, os soldados, as mulheres e o povo em geral, todos desejosos de assistir a essas pelepas sobre a fé.

24. Houve então em Fanjeaux uma célebre polêmica, para a qual se mobilizou uma grande multidão, tanto de fiéis como de herejes. Muitos católicos, nessa ocasião, escreveram seus libelos, contendo a prova da fé por argumentos tirados da razão ou dos autores que eram autoridade no assunto. Entre esses libelos, o do santo homem Domingos, depois de sério exame por parte de um júri de três juizes, foi considerado melhor do que os outros e unanimemente aprovado para ser proposto, juntamente com o libelo que os hereges tinham escrito em própria defesa. Estes eram escolhidos, de acordo com os dois lados, para a definição da sentença, de modo que fosse considerada a melhor a doutrina daquele cujo libelo os árbitros julgassem mais convincente.

25. Era grande a divergência de opiniões entre os mesmos e não conseguiram chegar a um acordo, ainda depois de uma longa discussão. Tomaram afinal a decisão de lançar ao fogo ambos os libelos e, se algum dos dois não fosse

queimado, é porque continha, sem sombra de dúvida, a verdadeira fé. Ateada uma grande fogueira, jogam nela os dois libelos. O do herege é imediatamente queimado, enquanto que o outro, que o servo de Deus Domingos escrevera, não só ficou ileso, mas, à vista de todos, saltou das chamas para longe. Lançado mais uma vez, mais outra e saltando tantas outras vezes, demonstrou claramente não só a verdade da fé, mas também a santidade de quem o escrevera.

26. Quanto ao servo de Deus, o Bispo Diogo, tamanho era o fulgor de seus costumes, que conquistava a simpatia dos próprios infiéis e tocava os corações de todos entre os quais vivia. Por esse motivo, até mesmo os hereges diziam ser impossível que tal homem não fosse predestinado para a vida eterna e certamente tinha vindo àquela região para deles aprender a verdadeira fé.

Instituição de um mosteiro de Monjas em Pruille

27. Para acolher alguma moças nobres, cujos pais, por motivo de pobreza, as tinham confiado aos hereges que as sustentavam e instruíam, fundou um mosteiro entre Fanjeaux e Montréal, no lugar chamado Prouille, onde até hoje estas servas do Cristo prestam ao seu Criador serviços que lhe são caros, com grande vigor de santidade e fulgurante pureza de inocência, levando uma vida salutar para si, exemplar para os homens, alegre para os anjos e agradável a Deus.

Volta do Bispo de Osma à Espanha e sua morte

28. Dois anos permaneceu o bispo Diogo no exercício dessa pregação, findos os quais, temendo talvez ser acusado de negligência para com a sua diocese caso prolongasse a ausência por mais tempo, decidiu voltar para a Espanha. Era seu propósito, após essa visita à sua igreja, trazer daí consigo algum dinheiro para o sustento do mencionado mosteiro de mulheres e, com o consentimento do Papa, voltar, ordenar alguns homens idôneos para a pregação naquela região, para que se dedicassem a refutar sem descanso os erros dos hereges e estivessem sempre prontos a defender a verdadeira fé.

29. Como responsável espiritual dos que ficaram ele colocou o Frei Domingos, homem que era verdadeiramente cheio do Espírito de Deus. Para as coisas temporais deixou como responsável Guilherme Claret de Pamiers, contanto que prestasse contas a Frei Domingos de tudo o que fizesse.

30. Então disse adeus aos irmãos e viajou de volta para Osma. Poucos dias depois, passando a pé por Castela, foi atacado por uma doença. Chegando ao termo de sua vida, completou em grande santidade os dias da vida presente e recebeu o fruto glorioso de seus bons serviços, entrando no túmulo carregado de frutos (Jó 5,26), para um repouso na abundância (Is. 32,18). Dizem que depois da morte ele resplandeceu também pelos milagres. Nem é de admirar que fosse poderoso, junto a Deus, em operar prodígios ele que, neste frágil e triste exílio entre os homens, refulgia com tão insignes graças e irradiava tão grande esplendor de virtudes.

A volta dos enviados pelo Papa ao país dos Albigenses

31. Com a notícia da morte do homem de Deus, os que tinham ficado na região de Tolosa, voltaram para as suas terras. Frei Domingos porém aí ficou sozinho, constante na pregação, pois embora algumas vezes alguns o tivesse seguido, foi temporariamente e sem estar presos a ele pela obediência. Entre estes seguidores, contavam-se o citado Guilherme Claret e um tal Frei Domingos, espanhol, que mais tarde foi prior em Madri, na Espanha.

A pregação da Cruzada contra os Albigenses

32. Depois da morte do bispo Diogo, começou-se a pregar, na França, uma Cruzada contra os Albigenses. É que o Papa Inocêncio, indignado porque a irreductível rebelião dos hereges não podia ser abalada pela doçura da verdade, nem ser trespassada pela espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, resolveu atacá-los pela força da espada material.

33. O bispo Diogo, ainda em vida, predissera que esta repressão do braço secular havia de vir, numa espécie de imprecação do espírito profético. De fato, certa vez, quando refutava pública e evidentemente, na presença de muitos nobres, o erro da rebeldia dos hereges e eles, zombando, defendiam os seus subversores com razões sacrílegas, cheio de indignação, estendeu o braço para o céu e exclamou: “Senhor, estende a tua mão e fere-os” (Jó 2,5). Os que ouviram essa exclamação, reconheceram mais tarde que foi proferida num elã profético do Espírito, quando aconteceu esta grande provação.

As injúrias que lhe fizeram os hereges na terra dos Albigenses

34. Durante o tempo em que aí estiveram os Cruzados, até à morte do conde Montfort, Frei Domingos permaneceu como zeloso pregador da palavra de Deus. Quantas injustiças sofreu naqueles dias da parte dos malvados! Quantas ciladas teve de desprezar! Chegou ao ponto de responder corajosamente aos que o ameaçavam de morte: “Eu não sou digno da glória do martírio. Ainda não mereci tal morte”. Passando, em seguida, pelo lugar onde suspeitava que lhe armavam ciladas, ia cantando e todo alegre.

Quando isto chegou ao conhecimento dos hereges, admirando essa sua constância tão inquebrantável, perguntaram-lhe: “Você não tem medo da morte? O que faria se nós o prendêssemos?” Ele responde: “Eu lhes suplicaria que não me matassem de um só golpe, mas, pela sucessiva mutilação dos membros, prolongassem o meu martírio. Em seguida, me colocassem sob os olhos as partes amputadas destes membros. Depois me arrancassem os olhos e, enfim, deixassem o tronco nadar em seu próprio sangue, ou o destruíssem completamente. Assim sendo, com uma morte mais lenta, eu mereceria a coroa de um maior martírio”.

Ouvindo isto, pasmaram os inimigos da verdade. E daí por diante, não mais lhe armaram ciladas nem tramaram contra a vida do justo (Sl. 93,21), para o qual a morte era mais um obséquio que um prejuízo. Ele porém se esforçava

por lucrar para Cristo (1Cor. 9,19-21) quantas almas pudesse, com tudo o que tinha de energias, num zelo ardentíssimo. Havia no seu coração um admirável e quase incrível ardor de salvar a todos.

35. Nem lhe faltava, de certo, aquela caridade que é a maior de todas, isto é, dar alguém a vida pelos seus amigos (Jo. 15,13). Foi o que se deu um dia, em que convidava um infiel, por santas exortações, a voltar para o seio fiel da Mãe Igreja. Ele respondeu que as necessidades materiais lhe impunham a adesão aos infiéis, pois eram os hereges que arcavam com a sua manutenção que, de outro modo, não poderia conseguir. Então, movido por um profundo sentimento, resolveu vender-se a si mesmo e, com o preço, acudir à indigência daquela alma em perigo. E o teria feito, se o Senhor, que para com todos é rico (Rom. 10,12), não tivesse provido de outra maneira para socorrer a pobreza daquele homem.

36. Quanto mais o servo de Deus Domingos crescia na virtude e no renome, tanto mais os hereges o hostilizavam. Quanto melhor ele se tornava, tanto menos podiam suportar o brilho de sua luz os olhos doentios dos hereges. Zombavam dele e aproximando-se dele, escarneciam-no (Jer. 20,7) tirando maldades do mau tesouro de seus corações (Mt. 12,15). Mas às injúrias dos infiéis, correspondia o respeito e a gratidão dos fiéis. E era tão venerado pelos católicos que a fragrância de sua santidade e a beleza dos seus costumes conquistava os corações até dos grandes senhores. Os arcebispos, os bispos e os outros prelados daquela região tinham-no como um homem merecedor de grande honra.

37. O conde de Monfort, também, que lhe votava grande veneração, com o consentimento de seu conselho, doou um importante castelo chamado Casseneuil, para ele e para os colaboradores que poderiam ajudá-lo no ministério da salvação que havia empreendido. Além disso, Frei Domingos contava com a Igreja de Fanjeaux e algumas outras. De todas elas podia receber o sustento para si e para os seus. Tudo o que podiam economizar do que ganhavam, davam às irmãs do Mosteiro de Prouille.

A Ordem dos Pregadores ainda não tinha sido fundada, mas apenas se cogitara de sua fundação, se bem que ele próprio já se empenhasse, com todas as suas forças, no ofício da pregação. Por isso não se observava ainda aquele ponto da Constituição, que foi promulgado depois, proibindo de receber propriedade e de conservar as já recebidas.

Quase dez anos já tinham se passado desde a morte do bispo de Osma até ao Concílio de Latrão. Em todo esse tempo, Domingos permaneceu por aí, praticamente sozinho.

Os dois primeiros frades que se apresentaram a frei Domingos

38. Aproximando-se a época em que os Bispos começaram a dirigir-se a Roma para o Concílio de Latrão, apresentaram-se a Frei Domingos dois homens de Tolosa, honestos e capazes. Um deles foi o Frei Pedro de Seila, depois Prior de Limoges, e o outro Frei Tomas, homem extraordinariamente bem dotado e de palavra fácil. O primeiro, Frei Pedro, doou a Frei Domingos e seus companheiros as belas e nobre casas que possuía em Tolosa e nos arredores de Narbona. É a partir desse tempo que eles começaram a morar nessas casas de Tolosa e todos os que estavam em sua companhia começaram a se aprofundar na humildade e adotar as práticas da vida religiosa.

As rendas que lhe davam o necessário para o sustento

39. Foi quando o bispo de Tolosa, de feliz memória, chamado Fulco, que ternamente amava ao querido de Deus e dos homens (Ecl. 45,1), Frei Domingos, vendo a piedade de seus irmãos, como também a graça e o fervor da pregação, exultando com o alvorecer dessa nova luz, com o unânime consentimento do seu Cabido, entregou-lhe a sexta parte de todos os dízimos da sua Diocese, a fim de que com esta renda pudessem conseguir o necessário para o próprio sustento e para os livros.

Como o Mestre Domingos foi ao Papa com o bispo de Tolosa

40. A este mesmo bispo Frei Domingos se juntou para ambos irem ao Concílio de Latrão e rogarem, com igual empenho, ao Papa Inocêncio, que confirmasse a Ordem de Frei Domingos e de seus companheiros e que se chamasse e fosse realmente de Pregadores. Pediram igualmente que confirmasse as preditas rendas atribuídas aos Frades, tanto pelo conde como pelo bispo.

41. Tendo-os ouvido sobre esse pedido, o pontífice de Roma aconselhou a Frei Domingos que voltasse a seus frades e, fazendo com eles uma plena deliberação, escolhessem unanimemente uma das Regras já aprovadas. O Bispo lhes devia confiar uma igreja e então, feito isso, voltasse para receber a confirmação papal.

42. E assim, depois de celebrado o Concílio, ele voltou e comunicou aos frades a palavra do Papa. Imediatamente os futuros pregadores escolheram a Regra do eminente pregador, o bem-aventurado Agostinho, acrescentando alguns costumes mais estritos sobre alimentação e jejum, leito e vestuário.

Propuseram e resolveram não ter propriedades para que o ofício da pregação não fosse prejudicado pelo cuidado das coisas terrenas. Somente se limitaram a manter para si as rendas.

43. O bispo de Tolosa, com o consentimento do seu Cabido, assinou-lhes três igrejas: uma dentro da cidade, outra na cidade de Pamieres e a terceira na região entre Sorezo e Puy-Laurens, isto é, a igreja de Santa Maria de Lescure. Em cada uma delas, devia instalar-se um convento prioral.

A primeira Igreja confiada aos frades em Tolosa

44. No verão de 1216, foi confiada aos frades, em Tolosa, a primeira igreja, cujo padroeiro era São Romano. Nas duas outras igrejas, nunca morou frade algum. Mas nesta igreja de São Romano, construiu-se logo um claustro, tendo bastantes celas para estudar e dormir. Os frades eram então mais ou menos dezesseis.

A morte do Papa Inocêncio, a eleição do Papa Honório e a confirmação da Ordem

45. Foi quando morreu o Papa Inocêncio e foi-lhe dado como sucessor o Papa Honório, a quem logo Frei Domingos procurou, obtendo a confirmação da Ordem e tudo o mais, conforme o seu projeto e a constituição concebida.

A morte do Conde de Monfort que o Mestre Domingos previra

46. No ano de 1217, revoltaram-se os Tolosanos contra o Conde de Monfort, o que supomos que de algum modo o homem de Deus, Domingos, previa. Numa visão, apareceu-lhe uma árvore muito frondosa, agradável pela beleza, em cujos ramos um grande número de pássaros habitava. A árvore foi abatida e fugiram os pássaros que nela pousavam. Compreendeu assim este homem, cheio do Espírito de Deus, que estava próximo o fim do Conde de Monfort, grande e magnífico príncipe, protetor das pessoas humildes.

47. Invocado o Espírito Santo e convocados os frades, comunicou-lhes a resolução de seu coração de enviar a todos, ainda que poucos, pelo mundo afora e que não habitariam mais por muito tempo juntos aí. Todos se admiraram da comunicação de decisão tão repentina. Mas como se impunha a evidente autoridade de sua santidade, concordaram sem maior relutância, esperando que tudo isso concorresse para um bom resultado.

48. Pareceu-lhe bom que elessem para abade um dos frades, uma espécie de chefe ou cabeça, por cuja autoridade os outros fossem regidos, mas se reservou o direito de controlá-lo. Foi canonicamente eleito como abade Frei Mateus. Na Ordem, foi o primeiro e o último chamado 'abade', sendo que depois os frades, para sublinhar a humildade, acharam bom que aquele que chefiasse não fosse chamado abade mas 'mestre da Ordem'.

Os frades mandados para a Espanha

49. Para a Espanha, foram destacados quatro frades: Frei Pedro de Madri, Frei Gomez, Frei Miguel de Uvero e Frei Domingos. Os dois últimos, tendo voltado da Espanha ao Mestre Domingos, foram depois mandados de Roma para Bolonha e aí ficaram. Eles não tinham podido frutificar na Espanha como era o desejo, ao contrário dos outros dois que, com muita eficiência, semearam a palavra de Deus.

Este Frei Domingos, de que acima se falou, foi de uma extraordinária humildade. Embora limitado na ciência, era magnífico na virtude, da qual não será inútil, a seguir, dar uma amostra.

Como frei Domingos venceu a solicitação de uma mulher

50. Foi um dia planejado, certamente com a cumplicidade de alguns dos seus rivais, que o procurasse, simulando confissão, uma mulher despudorada e à-toa, instrumento do demônio, veneno da castidade, fornalha de vícios. Ela assim lhe falou: “Estou morrendo de aflição. O amor me abrasa e incendeia, mas infelizmente aquele a quem amo não sabe disso, e mesmo se soubesse, talvez, não me correspondesse. Seu amor se fincou profundamente em meu coração. Dê-me um conselho, receite-me um remédio, se não eu morro. Só o senhor é quem pode”. Aquela meretriz tudo fazia para arrastar o inocente, com palavras refinadamente venenosas. Como a sua insistência não pudesse ser quebrada pelos salutares conselhos do frade, ele quis saber a pessoa e a causa do perigo. Ela então revelou que era ele mesmo que a incendiava. Aí ele lhe disse: “Retire-se agora e volte depois. Prepararei um lugar onde nós possamos encontrar-nos sem inconvenientes”.

Entrando no quarto, ele acendeu duas fogueiras, uma perto da outra. E quando chegou a tal meretriz, ele se deitou no meio e convidou-a para que se aproximasse. “Eis, disse, um bom lugar para tal façanha. Se quiser, venha para nos unirmos”.

A mulher, vendo aquele homem corajoso se precipitar nas chamas envolventes, ficou tão apavorada que, arrependida, se afastou aos gritos. Ele, no entanto, se levantou intato, sem que o fogo, nem do incêndio material nem do desejo sensual, o atingisse.

Os primeiros frades enviados a Paris

51. O abade eleito, Frei Mateus, foi enviado a Paris com o Frei Bertrando, que depois foi o Prior Provincial da Provença. Este era um homem de grande santidade e inexorável rigor para consigo mesmo, um valentíssimo mortificador de seu corpo; marcou em si mesmo o modelo e os exemplos do Mestre Domingos de quem, algumas vezes, fora companheiro de viagem. Como ia dizendo, estes foram enviados a Paris com carta do Sumo Pontífice, para aí estabelecerem a Ordem. Com eles foram mais dois frades para estudar: Frei João de Navarra e Frei Lourenço de Inglaterra. A este último, antes que entrassem em Paris, o Senhor fez algumas revelações sobre o estado e o local de suas casas, sobre a entrada de muitos frades, conforme ele predisse, e os acontecimentos depois confirmaram. Além desse grupo, foram ainda o Frei Manes, irmão do Mestre Domingos, e Frei Miguel de Espanha, levando consigo um irmão converso normando, de nome Oderico.

52. Todos esses foram mandados a Paris mas os três últimos, andando mais depressa, chegaram antes, entrando em Paris no dia 12 de setembro. Só

três semanas depois, chegaram os outros mencionados. Alugaram uma casa perto do hospital da Bem-aventurada Virgem, frente ao palácio do bispo.

A casa de Saint-Jacques dada aos frades em Paris

53. No ano de 1218, os Frades de Paris ganharam, embora ainda não definitivamente, a casa de Saint-Jacques, do mestre João, decano de Saint-Quintin e da Universidade de Paris, graças aos instantes pedidos do Papa Honório. Eles começaram a morar nela dia 6 de agosto.

Os primeiros frades enviados a Orléans

54. No mesmo ano foram enviados a Orléans alguns frades jovens e simples que foram como uma pequena semente da fértil seara de depois.

Os primeiros frades enviados a Bolonha

55. Pelo começo do ano 1218, o Mestre Domingos mandou de Roma para Bolonha Frei João de Navarra, mais Frei Bertrando e depois o Frei Cristiano com um irmão converso. Estabelecendo-se em Bolonha, eles aí sofreram as privações de uma grande pobreza.

A miraculosa recepção do mestre Reginaldo pelo mestre Domingos em Roma

56. No mesmo ano, estando em Roma o Mestre Domingos, aí chegou para embarcar (para a Terra Santa) o decano de Santo Aniano em Orléans, Mestre Reginaldo. Era um homem de grande renome, ilustrado na ciência, célebre pela dignidade e porque regera, durante cinco anos, a cadeira de Direito Canônico em Paris. Chegando em Roma, ele adoeceu gravemente. Não poucas vezes o Mestre Domingos foi visitá-lo e o exortou-o a abraçar a pobreza do Cristo, entrando em sua Ordem. Ele então hipotecou o seu compromisso de ingressar nessa Ordem, de maneira tão livre e firme, que o selou com um voto.

57. Não foi sem uma intervenção do divino poder que ele ficou livre do perigo tão grave e quase sem esperança de sua doença. Realmente, entre os ardores da febre, viu aproximar-se a Rainha do Céu, Mãe de Misericórdia, a Virgem Maria, e ungir-lhe os olhos, o nariz, os ouvidos, a boca, o peito, as mãos e os pés com um maravilhoso bálsamo que trouxera e falar-lhe: “Unjo os teus pés com um óleo santo, para propagares o Evangelho da paz” (Ef. 6,15). E ao mesmo tempo lhe explicou qual era todo o hábito da Ordem; imediatamente ficou bom e foi tal a recuperação de todo o seu corpo que os médicos, já desenganados de sua cura, ficaram admirados de ver os sinais de sua saúde. Mestre Domingos contou este grande milagre a muitos que vivem até hoje. E uma vez em Paris, quando o contava a um grupo de pessoas, eu próprio estava presente.

Como o mestre Reginaldo atravessou o mar e, voltando, recebeu a muitos na Ordem em Bolonha.

58. Mestre Reginaldo, recuperada a saúde, embora já estivesse comprometido para professar na Ordem, atravessou o mar a fim de satisfazer seu desejo e, de volta, veio para Bolonha a 21 de dezembro. Começou logo a consagrar-se totalmente à pregação. Sua palavra era como se tivesse passado inteiramente pelo fogo (Sl. 118,140). O seu sermão, como uma tocha acesa, inflamava os corações de todos os ouvintes (Ecl. 48,1) de modo que dificilmente haveria alguém tão empedernido que se subtraísse ao seu calor (Sl. 18,7).

Lavrava então em Bolonha um grande fervor, porque um novo Elias parecia ter-se erguido (Lc. 1,17). Naqueles dias, recebeu na Ordem muitos bolonheses e começou a crescer o número dos seus discípulos, aos quais se juntaram muitos outros.

Viagem do mestre Domingos à Espanha e sua volta

59. Neste mesmo ano, o Mestre Domingos viajou para a Espanha e fundou por lá duas casas: uma em Madri, que hoje é das Monjas; a outra, que foi a primeira casa dos Frades na Espanha, em Segóvia. No ano de 1219, veio daí para Paris, onde encontrou uma comunidade de quase trinta frades.

60. Quase nada se demorou, partindo para Bolonha, onde encontrou, em São Nicolau uma numerosa comunidade de frades, da qual o Frei Reginaldo cuidava com solicitude e diligência, sob a disciplina de Cristo. Ao chegar, todos o receberam com alegria, tributando-lhe respeito como se fosse a um pai. Permanecendo ali entre eles, incrementava a tenra infância daquela nova plantação com conselhos espirituais e exemplos.

Mestre Reginaldo vai para Paris

61. Frei Domingos transferiu daí para Paris o Frei Reginaldo, não sem grande desolação daqueles filhos que ele gerara no Cristo pela pregação do Evangelho (1Cor. 4,15), e por isso eles choravam por se verem arrancados tão de pressa dos fecundos seios de sua mãe, aos quais se tinham já acostumados.

62. Tudo isso, porém, se fazia por desígnios divinos. Era coisa maravilhosa ver como o servo de Deus, Mestre Domingos, ao enviar os frades aqui ou ali, para as diversas partes da Igreja, conforme acima se lembrou, tudo fizesse com tal confiança e sem a mínima hesitação, mesmo que aos outros parecesse inoportuno. Era como se já tivesse certeza dos acontecimentos futuros e fosse orientado por uma revelação do Espírito.

E quem ousaria duvidar disso? Primeiro tinha consigo poucos frades e estes, na maioria, eram homens modestos e pouco instruídos. No entanto os espalhava aqui e ali pelas igrejas, de modo que aos filhos deste século, julgando segundo sua prudência, mais parecia que ele estava destruindo do que desenvolvendo a obra começada. Mas é que ele protegia os que enviava com o sufrágio de suas orações e não faltava o poder do Senhor para multiplicá-los.

Vinda do mestre Reginaldo a Paris e sua morte

63. Veio pois a Paris o Mestre Reginaldo, de santa memória, e com incansável fervor, pregava Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado (1Cor. 1,23), tanto pela palavra como pelas obras. Mas em breve Deus o tirou da terra e, apesar de ter-se acabado cedo, ele conseguiu percorrer um longo caminho (Sab. 3,13). Afinal, pouco depois de atacado pela enfermidade, foi levado às portas da morte e adormeceu no Senhor. Entrou muito rico na casa de Deus aquele que durante a vida mostrara constante amor à pobreza e à humildade.

Foi enterrado na Igreja de Santa Maria do Campo, pois os frades ainda não tinham sepultura própria.

64. Sugere-me a lembrança que, quando ainda vivia, o Frei Mateus que o conhecera na glória e no luxo, perguntou-lhe em certa ocasião, como que admirado: “Mestre, o senhor não sente assim alguma tristeza de ter recebido este hábito?”

E ele, baixando o rosto, respondia: “Acho que nenhum merecimento tenho em estar nesta Ordem, pois sempre gostei demais dela”.

Uma visão que houve depois da morte dele

65. Na mesma noite em que voou para Deus, tive uma visão. Eu ainda não era frade de hábito, mas já tinha emitido a profissão nas suas mãos. Vi que os frades eram levados ao largo num navio. O navio foi a pique, mas eles saíram incólumes da água. Creio que este navio representasse o próprio Frei Reginaldo, que os frades consideravam como o seu sustentáculo.

Outra visão

66. Pouco antes da morte dele, um outro teve a seguinte aparição: via estancar-se uma fonte cristalina e, no seu lugar, brotarem duas outras. Se esta visão traz alguma verdade, não seja eu quem ouse interpretá-la, consciente que estou de minha inutilidade. Só uma coisa eu sei: é que em Paris, ele só recebeu dois, para a profissão religiosa. O primeiro fui eu. O outro é Frei Henrique que foi depois Prior de Colônia. Frei Henrique, segundo penso, é, em Cristo, para o meu afeto, o mais querido de todos os mortais, no qual eu via um vaso de honra e de graça. Mais gentil do que ele, não me lembro de ter visto criatura alguma nesta vida. Foi grande a rapidez com que se apressou, na sua maturidade precoce, para entrar na mansão do Senhor. Não será portanto inútil relembrar que homem foi e de que virtudes.

Frei Henrique: onde e como foi educado

67. Este Frei Henrique teve, aos olhos do mundo, um bom nascimento e foi cônego na Igreja de Utrecht. Aí mesmo é que foi educado, desde a tenra infância, no temor e na lei do Senhor (Ef. 4,4), com grande zelo, por um santo homem de muita piedade, cônego daquela igreja.

Aquele homem justo e bom calcava aos pés os prazeres deste mundo

perverso, pela mortificação do corpo, e transbordava em boas obras. Assim é que embebera a alma ainda tenra do jovem de toda prática da virtude, fazendo-o lavar os pés aos pobres, freqüentar a igreja, ter horror dos vícios, desprezar o luxo, amar a pureza.

E ele, sendo um jovem de ótima índole, mostrou-se em tudo dócil à disciplina, apto para as virtudes. Crescendo em idade, crescia também nos bons costumes, de tal sorte que, se você tivesse tratado com ele, ou o julgaria um anjo, ou acreditaria que a pureza lhe era inata.

68. Com o passar do tempo, veio para Paris e imediatamente entrou no estudo de Teologia. Tinha uma grande agudeza de talento natural e uma inteligência muito metódica. Ficamos hospedados juntos e chegamos a uma grande unidade de coração, ao mesmo tempo suave e vigorosa.

69. Nessa ocasião, veio para Paris o Frei Reginaldo e aí pregava incansavelmente. Preparado pela graça, eu resolvi e prometi que haveria de entrar nesta Ordem, julgando encontrar aquele caminho seguro de salvação que, refletindo, muitas vezes imaginaria, antes mesmo de conhecer os frades. Tendo firmado essa íntima decisão, comecei a maquinar, com todo o empenho, um modo de arrastar a um desejo igual ao meu o companheiro e amigo de minha alma. Vira-o realmente talhado para o ministério da pregação, seja pela natureza, como pela disposição da graça. Ele resistia e aí é que eu não me cansava de insistir ainda mais.

70. Consegui afinal que fosse procurar o Frei Reginaldo para confessar-se e lhe pedir conselhos. Ao voltar, abriu na minha frente o livro de Isaías, como se tirasse a sorte, e seus olhos caíram diretamente naquele trecho que diz: “O Senhor deu-me língua de discípulo. Para que eu saiba consolar os aflitos, ele alerta meus ouvidos para que eu escute como um discípulo. O Senhor abriu-me os ouvidos. E eu não opus resistência, nem recuei para trás” (Is. 50,4-5).

Enquanto eu lhe interpretava essas palavras do profeta, como correspondendo exatamente ao seu caso e como se ecoassem do céu - pois ele tinha uma extraordinária facilidade de falar - procurava induzi-lo a colocar sua juventude sob o jugo da obediência. Pouco depois, notamos aquelas palavras que seguem: “Fiquemos juntos” (Is. 50,8). Vinham-nos como um aviso para que, nessa preclara sociedade, jamais nos separássemos um do outro.

71. A propósito dessa palavra, estando eu em Bolonha e ele em Colônia, me escreveu: “Que é feito do nosso ‘fiquemos juntos’, você em Bolonha e eu em Colônia?” Eu então lhe respondi: “Diga-me se algum mérito existe mais rico e mais glorioso para a coroa que, participantes daquela pobreza de que deu prova o Cristo e de que seus discípulos participaram, desprezarmos todo este século por seu amor?” Concordou com o argumento da inteligência. Mas a resistência da vontade recalcitrante persuadia-lhe o contrário.

Como foi movida a vontade do frei Henrique

72. Naquela mesma noite, indo à igreja da Bem-aventurada Virgem para Matinas, aí permaneceu até ao amanhecer, orando e pedindo à Mãe do Senhor que lhe vergasse a vontade para aquela decisão. Continuando a sentir a dureza do coração, parecia-lhe que não adiantava rezar. Começou a ter pena de si mesmo e preparou a retirada, dizendo interiormente “Agora, Virgem Bem-aventurada, estou convencido de que não me aceitas. Entre os pobres do Cristo, não há lugar para mim”. Era assim que o desejo daquela perfeição que é própria da pobreza voluntária lhe atazanava o coração, tendo antes aprendido do Senhor, numa visão, quão poderoso é o argumento da pobreza diante do rigoroso juiz.

Uma visão e sua interpretação

73. Uma vez, achou-se, em visão, diante do tribunal de Cristo e viu, ao lado do Cristo, uma multidão de juizes. Ele, porém, se encontrava entre os réus. Cômico de que estava sem crime, julgava-se seguro e inocente, quando alguém ao lado do juiz, estendendo a mão para ele, assim falou: “Você aí, diga o que é que deixou, algum dia, pelo Senhor?” Apavorou-o tamanha severidade da pergunta, pois ficou sem saber o que responder. E assim desapareceu aquela visão. Com esta advertência, passou a desejar ainda mais a perfeição da pobreza evangélica. A única coisa que impedia era a relutância da vontade.

74. Mas como ia dizendo, quando já quase se ia retirar da igreja, cheio de pesar e se acusando, os alicerces de seu coração foram abalados por Aquele que olha pelos humildes (Lc. 1,48). Com lágrimas nos olhos e o espírito liberto, derramou-se totalmente diante do Senhor e toda aquela dureza foi derretida pela veemência do Espírito. Tanto assim que, abrandado por essa unção (Is. 10,27), se lhe tornou acima de tudo leve e jubiloso o suave jugo do Cristo (Mt. 11,13) que pouco antes lhe parecia tão pesado. Naquele ímpeto de fervor, ergueu-se, procurou imediatamente Frei Reginaldo e fez a profissão. Voltando logo a mim, notei-lhe no rosto angélico os rastros das lágrimas e perguntei-lhe donde vinha. Sua resposta foi: “Ao Senhor fiz um voto e o cumprirei”.

Adiamos então a nossa entrada até o tempo da quaresma. Neste meio tempo, ganhamos mais um dos colegas, o frei Leão, que depois sucedeu no priorado a Frei Henrique.

A entrada de frei Jordão, frei Henrique e frei Leão

75. Chegando o dia em que aos fiéis se recorda sua origem e sua volta ao pó, pela imposição das cinzas, tínhamos planejado também um bom início para a penitência que votáramos ao Senhor. Os nossos colegas de hospedaria não sabiam de nada. Por isso, quando Frei Henrique saía de casa, um colega perguntou: “Onde vai, Henrique?” - “Para a Betânia” - ele respondeu. Na ocasião, o colega não entendeu o que isto significava. Só depois, quando o viu entrando na Betânia, que significa casa da obediência, o fato lhe deu a explicação.

Tendo nós três ido juntos a Saint-Jacques, quando os frades já cantavam “Mudemos de hábito, etc”, nós avançamos até o meio, tão inesperadamente quanto oportunamente. Despimos a seguir o velho homem e, ali mesmo, nos revestimos do novo. Assim sendo, em nós se realizara em ação, o que eles cantavam com a voz.

76. Depois da entrada do Frei Henrique, o santo homem que o criara, com dois outros varões espirituais e bons da mesma igreja, ficaram preocupadíssimos, que todos lhe queriam um grande bem. Não sabiam que Ordem era aquela de que não tinham ouvido falar, e julgavam perdido esse jovem de tão grande esperança. Estavam por isso quase de acordo em que, um ou mais deles, indo a Paris, afastassem-no e o livrassem dessa, que lhes parecia imprudência. Um deles porém disse: “Nada façamos precipitadamente. Fiquemos esta noite em oração, pedindo que o Senhor se digne manifestar-nos qual é a sua vontade sobre isso”. Veio a noite. Enquanto oravam, um deles ouviu como uma voz vinda do alto: “Pelo Senhor isto foi feito e não poderá ser mudado”. Com a plena certeza que lhes trouxe esta revelação, não mais se preocuparam. Antes, escrevendo-lhe em Paris, exortavam-no que perseverasse confiante. Contaram-lhe o modo como se deu a revelação, em cartas que eu próprio li, cheias da maior piedade, suaves e ternas.

77. Era assim o Frei Henrique. Deus lhe prodigou copiosa e admirável graça na palavra para o clero de Paris. Palavra viva e eficaz, que penetrava com força nos corações dos ouvintes. Não me recordo jamais de ter visto em Paris, antes dele, um pregador com tanta audiência junto ao clero, tão jovem, tão eloqüente, tão pleno de graça.

78. Não há dúvida que nesse instrumento escolhido (At. 9,15) Deus engastara muitas jóias de graças. Era pronto na obediência, firme na paciência, sereno pela mansidão, agradável pela alegria, insinuante pela caridade. Nem lhe faltava correção nas atitudes, sinceridade de coração, virginal integridade no corpo, jamais tendo olhado ou tocado qualquer mulher com intenção impura. Tinha discrição na conversa, fluência na palavra, agudez de percepção, simpatia no rosto, beleza no porte, habilidade em escrever, perícia em editar, melodia de voz angélica. Jamais você o veria taciturno ou agitado: sempre tranqüilo, sempre alegre. A justiça o eximia do rigor da austeridade, todo ele se identificava com a misericórdia. Com tal facilidade influía nos corações alheios, tão afável a todos se mostrava que, se com ele você conversasse, por pouco que fosse, julgar-se-ia estimado por ele acima de todos. Era preciso que este, a quem Deus cumulava de graças, de todos fosse querido. E se bem que em tudo isso, aos outros excedesse de tal modo, que parecesse em tudo singularmente bem dotado, não tirava motivo de se envaidecer, pois no Cristo aprendera a ser manso e humilde de coração (Mt. 11,29).

Sua missão em Colônia

79. Foi mandado a Colônia como prior. Colônia inteira ainda proclama quão copiosa colheita de almas aí lucrou para Cristo, por uma pregação assídua, entre as virgens, as viúvas e os verdadeiros penitentes, e quão zelosamente acendeu e nutriu nos corações de muitos o fogo que o Cristo veio atear na terra (Lc. 12,46). Costumava pregar o nome de Jesus, digníssimo de todo o culto e reverência, nome que está acima de todo nome (Fil. 2,9). De tal modo o fez que, ainda hoje, quando esse sacrossanto nome ressoa na Igreja ou na pregação, a devoção suscita imediatamente, no coração de muitos, alguma mostra de reverência.

Sua morte

80. Até que enfim, terminado o período de uma vida feliz, repousou no Senhor com um santo fim, na presença dos frades que estavam em oração. Mas antes de expirar, quando lhe era administrada a Extrema Unção, recitava as ladainhas e os sufrágios com vivacidade, como qualquer um dos demais frades. Terminada a cerimônia, exortando os frades com palavras de devoção, lhes arrancou lágrimas copiosas. Quem poderia dizer, quantas lágrimas em sua morte, quantos gemidos e soluços das virgens e das viúvas, quantos suspiros dos frades e dos amigos!

81. Inúmeras recordações me ocorrem. Mas para que esta narração não se alongue demais, baste-nos lembrar apenas um dos muitos episódios de depois de sua morte, pela verdade do testemunho, pois o ouvi de pessoas santas e digna de fé..

Como apareceu a um religioso

82. Havia em Colônia uma venerável senhora, que votava ao Frei Henrique uma extraordinária estima. Quando ele ainda era vivo, algumas vezes lhe pedia que lhe promettesse aparecer depois da morte, no caso que morresse antes. Ele aceitou esse pedido, se contudo fosse de beneplácito da divina vontade. Depois que ele morreu, ver cumprida a promessa era a ânsia dela, o seu desejo ardente. Assaltava-a então a tentação e chegava a se atormentar de dúvidas sobre a fé: se as almas dos mortos, depois desta vida, se desfaziam no nada ou se sobreviviam. E por muito tempo nada aparecia a quem tanto esperava e desejava. Naturalmente ia aumentando a tentação, e ela intimamente dizia: “Se fosse verdade o que nos ensinam sobre a vida futura, aquele a quem tanto eu venerava pelo afeto, já me deveria ter certificado”.

83. Enquanto ela assim se afligia e se martirizava interiormente, eis que o Frei Henrique apareceu a um religioso, e lhe disse: “Vá àquela senhora...” - chamando-lhe pelo nome, nome que até então aquele homem ignorava, pois um apelido com que fora mimada na infância, prevalecera sobre o verdadeiro nome de batismo, que só então ele descobriu, pela declaração e pelo recado do Frei Henrique. “Vá àquela senhora, e depois de a saudar em meu nome, diga-

lhe: A senhora costumava fazer assim e assim. De agora em diante, mude, e faça deste e daquele modo”.

Tratava-se de coisas tão secretas que ninguém, a não ser ela própria, podia saber. Enquanto ele assim falava, o bom homem reparou no peito de Frei Henrique uma jóia muito brilhante e fulgente e, diante do seu rosto, uma espécie de muro, cravejado de pedras preciosas, que ele vivamente contemplava. Perguntou-lhe: “Meu senhor, o que quer dizer esta jóia tão cintilante em vosso peito e este muro precioso?” Ele respondeu: “Esta jóia representa a pureza do meu coração, quando estava no século. Ao contemplá-la, grande consolação me inunda. Esse muro é aquela parte que, na casa do Senhor, eu construí, ainda em vida, com meus conselhos, pregações e confissões”.

Nesse instante, chegou a Virgem Maria, Rainha do Céu, Mãe de Misericórdia e, quando ela se aproximava, Frei Henrique disse ao homem: “Esta é a mãe do Salvador, minha Senhora, que me escolheu para o seu serviço. Imagina de quão grande consolo é a sua companhia”. Depois de dizer isto, afastou-se junto com ela.

84. Aquele bom homem veio e contou tudo direitinho à tal senhora. Entre os sinais, cujo relato provava a verdade, revelou-lhe algumas de suas obras mais secretas. Ficando com isto muito confortada, ela venceu a maré de tentações.

85. Entretanto o que mais fortemente a consolou foi o que, por si mesma, mereceu experimentar depois. Uma vez, debruçada sobre uma arca, num quarto de sua casa, a ler as cartas que outrora lhe enviara o Frei Henrique, não sem o piedoso prazer, saltou-lhe aos olhos, de uma das cartas, uma frase que, traduzida, diz o seguinte: “Reclinai-vos sobre o peito de Jesus Cristo e matai a sede de vossa alma”. Inflamada pela lembrança dessas palavras, como se as recebesse da boca de um Frei Henrique vivo e presente, foi arrebatada em espírito. E se viu reclinada sobre o peito do Cristo, ela de um lado e o Frei Henrique do outro. Nesse êxtase, experimentou o profundo e inefável sabor da divina consolação. E ficou tão totalmente inebriada pelo imenso caudal daquele salutar influxo, que não se deu conta das criadas que vieram chamá-la para a mesa onde o marido já estava esperando. Só depois, despertando dessa dulcíssima embriaguez do espírito, caiu em si. Lembradas essas coisas sobre o Frei Henrique, prossigamos em nossa narrativa.

O primeiro Capítulo celebrado em Bolonha

86. No ano de 1220, foi celebrado em Bolonha o primeiro Capítulo desta Ordem. Eu estive lá presente, mandado de Paris com três outros frades, pois o Mestre Domingos convocou por carta quatro representantes da casa de Paris. No entanto eu não tinha ainda completado dois meses na Ordem quando fui enviado.

87. Neste mesmo Capítulo, foi determinado pelos frades, de comum acordo, que se celebrasse o Capítulo Geral, um ano em Bolonha, outro ano em Paris. No ano seguinte porém devia ser celebrado em Bolonha.

Foi também ordenado que os nossos frades não conservassem nem rendas nem propriedades, e até renunciassem àquelas que possuíam, na região de Tolosa. Foram ainda decididas muitas coisas que até hoje são observadas.

O priorado de Lombardia é confiado a frei Jordão e são mandados frades para a Inglaterra

88. No Capítulo Geral de Bolonha, em 1221, impuseram-me o ofício de Prior da província da Lombardia. Estava na Ordem há um ano apenas, e minhas raízes não se tinha ainda aprofundado bastante. Fui encarregado de governar os outros, antes de ter aprendido a governar a minha própria imperfeição. No mesmo Capítulo resolveu-se também mandar uma comunidade de Frades para a Inglaterra, tendo como Prior o Frei Gilberto. A este Capítulo eu nem estive presente.

Frei Everardo, que foi arqui-diácono em Langres

89. Neste tempo tomou o hábito em Paris Frei Everardo, arqui-diácono de Langres, homem de muitas virtudes, constante no trabalho e prudente no conselho. Tendo um enorme prestígio, quanto mais afamado fora no século, tanto mais edificou a muitos pelo exemplo da pobreza voluntária.

90. Devendo ir à Lombardia comigo, a quem parecia votar um terno afeto, empreendeu a viagem, com um grande desejo de ver o Mestre Domingos. Ele pregava por todas as partes da Gália e da Borgonha que percorremos e onde fora antes celeberrimo, carregando no seu corpo o Cristo pobre e desamparado (2Cor. 5,10). Afinal, foi atacado pela doença em Lausanne, de onde outrora fora eleito bispo, mas tinha recusado. Aí coroou com um fim rápido, mas feliz, esta vida sofredora e frágil.

91. Pouco antes de morrer, tendo-se-lhe ocultado a opinião dos médicos que já diagnosticavam uma morte certa, ele me disse: “Se já estou à morte, conforme julgam os médicos, por que não me dizem?” Oculte-se a morte àqueles para quem ela traz uma lembrança amarga (Ecl. 30,17). Eu não temo a morte. Nada tem a temer quem, se a casa deste miserável corpo cai em ruínas, espera consolado uma feliz mudança para a casa eterna do céu, que não foi feita pela mão dos homens (2Cor. 5,1). Aí é que morreu, entregando o corpo à terra e o espírito ao Criador. Não me faltou, porém, um lisonjeiro indício de que a

sua morte foi feliz. Imaginava eu que o seu falecimento ia lançar-me na dor do coração e na perturbação do espírito. Mas, bem ao contrário, fui inundado de uma tranqüila consolação e alegria, de modo que o testemunho da consciência me levava a não chorar quem se ia para o gozo.

A morte do Mestre Domingos

92. Nesse mesmo tempo, em Bolonha, o Mestre Domingos adoeceu gravemente, aproximando-se o termo de sua peregrinação terrena. E no próprio leito de sua doença, chamando doze dos frades de mais confiança, começou a exortá-los ao fervor e promoção da Ordem e perseverança na santidade. Aconselhou-os a evitar familiaridade suspeita com mulheres, sobretudo jovens, pois essa espécie de gente é por demais sedutora e eficaz para enlaçar as almas ainda não retemperadas na pureza (Is. 1,25). “Vede, - disse ele - até este momento, a divina misericórdia preservou incorrupta a minha carne. No entanto eu confesso que esta imperfeição me escapou: mais me tocam ao coração as conversas das jovens do que das mulheres idosas”.

93. Antes da morte, também confidenciou aos Frades que, morto, ele lhes seria mais útil do que vivo. Sabia a quem havia confiado o patrimônio de seus trabalhos e de sua vida tão fértil, não duvidando que lhe estava reservada a coroa da justiça (2 Tim. 4,8). Tendo-a recebido, tanto mais poderoso se tornaria para impetrar as graças, com quanto mais segurança já se encontrasse nos domínios do Senhor.

94. O certo é que o cerco da doença aumentava, assediando-o ao mesmo tempo as febres e o fluxo. Até que enfim aquela santa alma se desatou do corpo, indo para o Senhor que a dera. E trocou este lúgubre exílio pela perene consolação da celeste morada.

A visão que teve frei Guala na hora de sua morte

95. No mesmo dia e na hora exata de sua morte, Frei Guala, prior de Brescia, que depois foi bispo desta cidade, estava reclinado no local do sino do Convento e adormecera ligeiramente. Então viu como uma abertura no céu, pela qual eram descidas duas escadas brancas. No alto, o Cristo segurava uma delas, e sua Mãe a outra. Movimentavam-se anjos, subindo e descendo por ambas. No baixo das escadas, ao centro, foi colocada uma cadeira. Na cadeira, alguém semelhante a um frade, com o rosto coberto pelo capuz, como se costumam sepultar os nossos frades. O Cristo Senhor e sua Mãe, pouco a pouco, iam puxando as escadas para cima, até que chegou bem alto aquele que fora colocado embaixo. Finalmente, quando este foi recebido no céu, com imenso esplendor, entre os cânticos dos anjos, fechou-se aquela fulgurante abertura e mais nada apareceu. O frade que vira isto, embora estivesse muito doente e fraco, recuperou as forças. E imediatamente tomou a estrada para Bolonha, onde verificou que, no mesmo dia e hora, falecera o servo de Cristo Domingos, conforme ele próprio nos contou.

Sepultura e milagres do Mestre Domingos

96. Mas voltemos ainda um pouco às veneráveis exéquias do santo homem. Nos dias de sua morte, aconteceu que o venerável cardeal bispo de Óstia, então legado na Lombardia e hoje Sumo Pontífice da Igreja de Roma, o Papa Gregório, tinha vindo a Bolonha, razão porque estavam na cidade muitos homens importantes e prelados das igrejas. Quando lhe chegou a notícia de que o Mestre Domingos partira desta vida, ele fez questão de comparecer, pois o conhecia muito bem, sabendo-o um homem justo e santo. Foi ele próprio o oficiante dos funerais. Estavam presentes grande número de pessoas, e, todas elas, viam com muita clareza no próprio coração a felicidade da morte do bem-aventurado e a santidade de sua vida sobre a terra, ao passo que todos os presentes tinham a certeza, com o testemunho da própria consciência, que ele acabava de receber no céu uma vestimenta de eterna imortalidade (Ecl. 6,32). Aquelas exéquias faziam refletir sobre o desprezo do mundo. Estimulavam a pensar como o desprezo deste mundo e o desapego da vida presente seja caminho seguro para merecer o lugar da suprema habitação e do eterno repouso e conquistar uma morte preciosa pela humildade desta existência.

97. É natural que despertasse a devoção do povo e a veneração de todos. Acorriam numerosos oprimidos pelos sofrimentos das mais variadas enfermidades. Os que ali estavam dia e noite, confessavam ter recebido, sem falta, os remédios para seus males. Traziam provas de suas curas, suspendendo ao túmulo do bem-aventurado ex-votos de cera em forma de olhos, mãos, pés ou outros membros, tão variados quanto tinham sido as doenças e a multiforme cura dada aos seus corpos ou a seus bens.

98. Entre os frades, no entanto, mal havia quem viesse agradecer de maneira adequada essa divina graça. Alguns acharam mesmo que se não deviam acolher os milagres, para não aparentar exploração, nem mesmo sob pretexto de piedade. E assim, enquanto se empenhavam, por uma santidade inconsiderada, em zelar pela própria boa fama, negligenciaram o proveito comum da Igreja e sepultaram a glória de Deus.

99. O que sabemos é que, ao longo desta vida, ele brilhou por virtudes verdadeiras e refulgiu por milagres. Nós ouvimos contar muitos destes milagres. Mas por causa da discordância dos que narravam, não foram registrados por escrito. Quisemos assim evitar que, sendo as coisas escritas de modo duvidoso, gerassem a dúvida naqueles que não têm a devida compreensão. Alguns deles, porém, que se nos tornaram conhecidos com maior certeza, seja-nos permitido anotar.

A ressurreição de um jovem em Roma

100. Estava, certa vez, em Roma um jovem parente de Dom Estevão, cardeal de Fossanova. Estando a passear a cavalo, arriscou-se imprudentemente e disparou numa corrida precipitada. Levou um tombo perigosíssimo e foram buscá-lo entre lágrimas. Apenas semivivo ou indubitavelmente inanimado, julgavam-no já entre os mortos. Aumentava o pranto em redor do defunto, quando apareceu aí Mestre Domingos, em companhia de Frei Tancredo, homem bom e fervoroso, outrora prior de Roma, de cujos lábios ouvi esta narração. Este lhe disse: “Por que disfarça, Mestre Domingos? Por que não interpela o Senhor? Onde está sua compaixão para com o próximo? Onde, a confiança de seu coração para com Deus?” Ele ficou abalado pela exortação de Frei Tancredo e deixou-se vencer pelo sentimento forte de compaixão. Levando ocultamente o jovem para um lugar fechado, pela virtude de suas preces o restabeleceu para a vida e o trouxe incólume à presença de todos.

Como afugentou uma chuva com o sinal da cruz

101. Também frei Bertrando, de cuja viagem a Paris se fez menção acima, contou-me que, viajando certa vez com ele, surgiu uma tempestade, e já um verdadeiro dilúvio começava a desabar. Então o Mestre Domingos fez o sinal da cruz e conteve diante de si todo aquele aguaceiro, de tal modo que viam as grossas gotas despencando na terra, uns três côvados à frente, e nem uma gota lhes tocou nem mesmo a orla das vestes.

102. Não estão relatadas, até o presente, muitas outras curas, sinais de sua santidade, de que tivemos notícia.

Retrato espiritual de Domingos

103. Mais fulgurante e mais esplendente do que os próprios milagres, era que ele primasse por tão grande pureza de costumes, e se deixasse levar por tamanho ímpeto do divino fervor, que fosse um vaso de honra e de graça, vaso ornado de toda espécie de pedras preciosas (Ecl. 50,10), o que facilmente se provará.

Nele havia uma extraordinária igualdade de ânimo, a não ser que o alterasse a compaixão ou a misericórdia. E já que o coração jubiloso alegre o semblante (Prov. 15,13), exhibia exteriormente, na amabilidade e alegria do rosto, o plácido equilíbrio do homem interior. Tamanha era a firmeza que conservava naquelas questões cuja execução concebia razoavelmente como estando de acordo com a vontade de Deus que, nunca ou quase nunca, concordava em mudar o que uma vez dissera com a devida deliberação. No rosto sempre lhe brilhava uma plena alegria, como já lembramos, e no entanto a luz do seu semblante não caía por terra (Dn. 10,15).

104. Por isso facilmente conquistava a amizade de todos. Quantos o olhavam sentiam-se por ele atraídos. Onde quer que se encontrasse, nas viagens com os companheiros, ou numa casa com seu hospedeiro e toda a família, ou entre os

grandes e príncipes e prelados, sempre se distinguia pelas palavras edificantes, transbordava em exemplos pelos quais os espíritos dos ouvintes se voltavam para o amor de Cristo e o desprezo das vaidades. Um homem evangélico, eis o que se mostrava, onde quer que fosse, pela palavra e pela ação.

105 - Durante o dia, com os frades ou com os companheiros, ninguém mais simples, ninguém mais alegre. Durante a noite, ninguém mais constante nas vigílias e nas orações. De noite, visitavam-no as lágrimas; de manhã, a alegria (Sl. 29,6). Repartia com o próximo o seu dia, e com Deus a sua noite, sabendo que o Senhor manda de dia a sua misericórdia e de noite o seu cântico (Sl. 41,11). Chorava porém copiosamente e com muita freqüência, e de dia e de noite seu pão foram suas lágrimas (Sl. 41,3). De dia sobretudo quando celebrava a missa cotidiana. De noite quando se recolhia depois de todos, pelas infatigáveis vigílias.

Suas vigílias

106. Freqüentíssimo era seu costume de pernoitar nas igrejas, tanto que nunca ou raramente parecia ter um leito para repousar. Rezava então durante a noite e perseverava vigiando quando podia exigir da fraqueza do corpo. E quando, afinal, acumulando-se o cansaço e afrouxando o espírito, a necessidade de sono gritava mais alto, encostando a cabeça no altar ou em outro lugar qualquer, ou sobre uma pedra, como o patriarca Jacó (Gen. 28,11), descansava um quase nada e de novo velava no espírito e no fervor da oração.

107. Abrigava a todos os homens no largo seio de sua caridade, e como amava a todos, por todos era amado. Alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que choram (Rom. 12,15) era o seu lema. Era como um manancial de piedade e se derramava todo na solicitude com o próximo e na compaixão com os infelizes. Uma coisa o fazia estimadíssimo de todos: andando sempre pelo caminho da simplicidade, jamais, em palavras ou ações, deixou rastros de duplicidade ou de fingimento.

108. Era um verdadeiro amante da pobreza, usando vestes grosseiras. Na comida e na bebida, observava uma extraordinária sobriedade. Evitava as finas iguarias e se satisfazia com um prato simples, tendo um controle firme sobre seu corpo. De tal modo temperava o vinho que, satisfazendo à necessidade corporal, jamais alterou o seu espírito sutil e delicado.

O louvor do homem de Deus Domingos

109. Quem seria capaz de imitar em tudo a virtude desse homem? O que podemos é admirá-lo e, diante do seu exemplo, refletir sobre a moleza do nosso tempo. Poder o que ele pôde, não está ao alcance da força humana, a não ser alguém a quem talvez a misericordiosa bondade de Deus se digne elevar a igual cume de santidade. Mas quem estaria preparado para isso?

Sigamos, irmãos, como pudermos, as pegadas do nosso Pai e ao mesmo tempo agradeçamos ao Redentor por ter-nos dado a nós seus servos um tal

chefe, no caminho que palmilhamos, e por ele nos ter gerado para a luz desta forma de vida (Rom. 12,15). E peçamos ao Pai das misericórdias que, sob a direção daquele Espírito que atua nos filhos de Deus, mereçamos também avançar diretamente, pelo roteiro que traçaram os nossos Pais (Prov. 22,28), para a mesma meta da felicidade eterna e da bem-aventurança perpétua, na qual ele, ditoso, penetrou para sempre. Amém.

Como um tal frei Bernardo foi atormentado pelo demônio

110. Depois de relembrar essas coisas do tempo do Mestre Domingos, vamos a seguir registrar alguns acontecimentos posteriores. Morto em Lausanne o Frei Everardo, como já contamos, eu prossegui e entrei na Lombardia. Devia desempenhar o ministério que me fora assinado naquela Província. Naquele tempo, havia por lá um tal Frei Bernardo de Bolonha que, possesso de um terrível demônio, de tal modo era atormentado que de dia e de noite era possuído de horrendas crises de fúria e perturbava de uma maneira bárbara a comunidade dos frades. Sem dúvida a divina misericórdia permitira essa tribulação para retemperar a paciência dos seus servos.

111. Mas eu vou contar como foi que a este frade aconteceu tal flagelo. Depois de sua entrada para o nosso meio, estimulado, muitas vezes, pela dor dos seus pecados, desejava que o Senhor lhe infligisse alguma espécie de purificação. Frequentemente lhe fora segredado ao coração, se queria ser afligido por uma obsessão do demônio. Apavorava-se-lhe o espírito e não podia consentir.

Finalmente, depois de muita deliberação, um dia em que estava mais vivamente indignado contra suas culpas, consentiu em espírito que o seu corpo fosse entregue ao demônio para se purificar, segundo ele próprio me contou. E imediatamente aconteceu que, com a permissão de Deus, se realizasse efetivamente o que concebera no coração.

112. Muitas coisas incríveis o demônio vomitou pela sua boca. Algumas vezes também, embora aquele possesso não fosse perito em Teologia nem forte nas Santas Escrituras, no entanto, de seus lábios saíam tão profundas sentenças sobre as Sagradas Escrituras que, com razão, podiam ser julgadas notáveis comentários de um santo Agostinho. Arrastado pelo orgulho, envaidecia-se ao máximo, se alguém desse ouvido às suas palavras.

113. Lembro-me que uma vez ele me fez a seguinte proposta: se eu deixasse de pregar, ele deixaria de tentar a todos os Frades. Eu então respondi: “Jamais travarei uma aliança com a morte nem jamais farei um pacto com o inferno. Queiras ou não queiras, os frades se aproveitarão de tuas tentações e se fortificarão para a vida da graça, pois a vida do homem sobre a terra é uma luta” (Jó 7,1).

114. Fazia tudo por semear algum vestígio de sua perversidade em nossos corações pelo enganoso disfarce das palavras. Quando o notei, disse-lhe: “Por que tantas vezes nos repetes os teus enganos? Bem sabemos quais são os

teus pensamentos”. E ele: “Bem conheço também o teu fingimento. Rejeitas e desprezas o que à primeira vez te é oferecido. Chegará porém o dia em que, vencido pela minha malícia, o aceitarás fácil e gostosamente”.

Saibam disto os soldados do Cristo que têm de lutar, não contra adversários de carne e de sangue, mas contra os principados, contra as potências, contra os que regem o mundo das trevas, contra os espíritos do mal que habitam os espaços celestes (Ef. 6,12). Do zelo constante dos próprios inimigos, aprenda de seu lado, a perseverar no fervor e a vencer a lassidão do espírito que se entorpece.

115. O que mais é, de vez em quando fazia, como se estivesse pregando, sermões tão eficazes que, tanto pela eloqüência e piedade, como pela profundidade das frases, arrancariam lágrimas copiosas dos corações dos ouvintes. Algumas vezes, também, perfumava o corpo do possesso com aromas de uma delicada suavidade, superior a qualquer técnica humana. Perversamente me atacou com o mesmo gênero de tentação, fingindo ficar terrivelmente atormentado por aqueles mesmos perfumes, como se fossem trazidos do céu por um anjo. No entanto era por ele, absolutamente, que essas ciladas eram armadas, para despertar uma temerária presunção de santidade.

A tentação do perfume inventada pelo demônio

116. Uma vez, ele afligia terrivelmente aquele frade em nossa presença. Começou então a simular uma grande agitação e disse com voz grave: “Eis o perfume! Eis o perfume! Eis o perfume!” pouco depois, a suave fragrância daquele perfume envolveu o mesmo frade, e ele fingidamente manifestou, no rosto e na voz, estar padecendo horror e despeito. Depois me disse: “Queres saber porque sofro esse horror? É que o anjo deste frade veio consolá-lo com suavíssimos perfumes e, consolando-o, me atormentou tremendamente. Mas deixa estar que eu vou tirar de meus tesouros cheiros de outro gênero, com os quais costumo fazer minhas visitas”. Mal acabou de falar, espalhou no ar fedores de enxofre. Com a sucessão destes, procurava disfarçar a mentira daquela suavidade anterior.

117. Depois que me infligiu vários destes golpes, eu, numa dúvida tremenda, desconfiava, é bem verdade, dos meus méritos, mas envolvido por um aroma extraordinário, onde quer que fosse, ficava hesitando na incerteza. Não tinha nem coragem de mexer as mãos, com receio de perder aquele suave aroma, de que ainda não tinha um juízo formado. Se ia segurar o cálice, como se costuma fazer, para levar a hóstia do Corpo do Senhor, parecia-me evolarse do próprio cálice uma tão grande suavidade do admirável perfume, que eu podia ficar inteiramente transformado pela imensidão de tanta doçura.

118. Mas o espírito da verdade não tolerou que por muito tempo durasse a falácia do espírito maligno. De fato, certo dia, devendo celebrar os divinos mistérios em um lugar qualquer, rezei com alguma atenção do espírito, aquele salmo: “Acusa, Senhor, meus acusadores” (34,1), que é muito eficaz para repelir

as tentações. Já murmurava aquele versículo: “Todos os meus ossos dirão: quem é, Senhor, igual a ti?” (34, 10) quando, de repente, derramou-se sobre mim tal oceano de perfumada doçura que parecia irrigar a medula de todos os meus ossos. Estupefato e sacudido pela raridade de tão insólito fenômeno, pedi ao Senhor que, se se tratasse de ciladas diabólicas, revelasse-o pela sua graça e não mais consentisse que eu, o pobre, que estava sem ajuda (Sl. 71,12), fosse iludido pelo poderoso.

Logo que rezei ao Senhor - digo-o em seu louvor - recebi interiormente tamanha claridade de espírito e um tão seguro juízo de plena segurança, para infusão da verdade, que já não tive a menor dúvida de que tudo isso era absolutamente trapaça do inimigo sedutor.

119. Desde então denunciei o segredo da iniquidade, e convenci aquele frade da tentação diabólica. Desapareceu de nós ambos aquela exalação de perfume. E aí, aquele mesmo que costumava nos dizer tantas coisas cheias de devoção, começou a falar maldades e torpezas. Foi quando eu lhe perguntei: “Onde estão os teus belos sermões?” Ele respondeu: “Foi descoberto meu plano de sedução, agora faço questão de exercitar minha maldade”.

A instituição da antífona da “Salve Regina” depois de Completas

120. Essa tão horrível provação do Frei Bernardo ofereceu-nos a ocasião de, levados por ela, instituímos em Bolonha o canto da Salve Regina depois de Completas. Desta mesma casa, esse salutar costume começou depois a se estender por toda a Província de Lombardia e afinal envolveu toda a Ordem. De quanta devoção este louvor da veneranda Mãe do Cristo não arrancou lágrimas? De quantos ouvintes ou de quantos cantores ele não fundiu os sentimentos, derreteu a dureza e acendeu o fervor nos corações? Acaso duvidamos que a Mãe do nosso Redentor se deleite com tais louvores e receba como carícias tais elogios?

Contou-me um homem piedoso e digno de fé que, enquanto os frades cantavam “Eia ergo advocata nostra”, viu mais de uma vez a própria Mãe do Senhor prostrada na presença do seu Filho e implorar-lhe pela conservação de toda a Ordem. Isto vai aqui lembrado para que mais se avive, em louvor da Virgem, a devoção dos frades que nos lerem.

Nos anos anteriores à transladação

121. Na sua insondável sabedoria (Rom. 11,33), costuma a divina bondade adiar muitas vezes um bem, não para que seja supresso mas para que, temporizado, surja mais fecundo no tempo oportuno. Seja por um desígnio da Providência com que Deus governa a sua Igreja, seja pela diversidade de opiniões, muitos havia que, seguindo imoderadamente o caminho da simplicidade, diziam bastar que fosse conhecida, junto de Deus, a imortal memória de Domingos, servo do altíssimo Senhor e fundador da

Ordem chamada dos Pregadores. Quanto a fazê-la conhecida dos homens, era um cuidado que se não devia ter. O que é certo, como acima se disse, é que uma espécie de treva cobriu os corações dos frades e mal havia quem viesse agradecer condignamente esta divina graça.

122. Depois da morte do homem de Deus, foi deflagrada a reverência do povo. Acorriam numerosos, os oprimidos pelos sofrimentos de quaisquer enfermidades. Os que ali estavam dia e noite, confessavam ter recebido, sem falta, os remédios para a saúde. Por isso traziam provas de suas curas, suspendendo ao túmulo do bem-aventurado ex-votos de cera em forma de olhos, mãos, pés, ou outros membros, tão variados quanto tinham sido as doenças e a multiforme cura dada a seus corpos ou a seus bens.

Não há dúvida de que ele declarava na terra, por milagres, a vida que possuía no céu. Mais de um, no entanto, achava que se não deviam acolher os milagres, afim de não aparentar exploração, nem mesmo sob pretexto de piedade. Derrubavam e quebravam as imagens trazidas e, enquanto se empenhavam, por uma santidade inconsiderada, em guardar a própria opinião, negligenciaram o proveito comum da Igreja e sepultaram a glória de Deus. Havia outros que pensavam diferente. Nada porém faziam para impedir isto, inibidos por uma espécie de espírito de pusilanimidade.

123. O resultado disto foi que a glória do bem-aventurado Domingos ficou dormindo por quase doze anos, sem nenhuma veneração de santidade. Escondido e sem utilidade jazia aquele tesouro e eram subtraídos os benefícios d'Aquele que, do alto, é o doador das graças. As leis da justiça exigiam que fossem privados dos favores aqueles que pelejavam para ocultar a graça e a glória de Deus. A semente não se expandiria em frutos se, ao germinar, fosse calcada aos pés muitas vezes (Mt. 13,5). Muitas vezes brotava a virtude de Domingos, mas a incúria de seus filhos a sufocava. Aquele que é rico em misericórdia e paciência, esperava pacientemente. Mas como não havia nem coração nem voz que cogitasse da devida honra do servo de Deus Domingos, o Senhor provocou a ocasião de acordar os frades de sua negligência.

124. Crescera o número dos frades em Bolonha. Era preciso aumentar o convento e a igreja. Para dar espaço às novas construções, as antigas foram derrubadas e o corpo do servo de Deus acabou ficando exposto às intempéries. Quem é que, capaz de raciocínio, poderia achar conveniente que permanecesse escondido em tão humilde esquife aquele que, espelho de pureza, vaso de castidade, sacrário da virgindade, instrumento do Espírito Santo, jamais expulsou da morada de sua alma, pela mancha da culpa mortal, o mesmo Santo Espírito, doce hóspede da alma, conforme declarou na sua última confissão, na presença de doze frades?

Por isso alguns dos frades, voltando ao bom senso, puseram-se de acordo entre si, para transferi-lo a um lugar mais decente. Não queriam porém fazê-lo sem uma licença do Romano Pontífice. O que realmente se verifica em muitas coisas é que a virtude da humildade merece a exaltação. Os frades, sendo filhos,

poderiam perfeitamente sepultar seu pai, sem prestar contas a ninguém. Mas procurando fazê-lo sob a autoridade do superior, só redundou em vantagem esta gloriosa transladação simples, mas canônica.

125. Nisto porém ainda houve certa negligência. Um tempo enorme ficaram os frades tomando providências quanto a sarcófago conveniente, ao passo que outros se dirigiam ao Sumo Pontífice, o Papa Gregório, para expor-lhe a situação deste assunto que já fora deferido. E ele, homem de fé e de grande zelo, censurou acerbamente aqueles que estavam negligenciando prestar a honra devida a tão grande pai. E acrescentou: “Conheci esse fiel seguidor de toda a regra apostólica, ao qual não há dúvida que no céu foi concedida a glória dos apóstolos”. Então escreveu ao Arcebispo de Ravena que fosse assistir a essa transladação, com os seus bispos sufragâneos, pois ele próprio não podia ir, retido que estava por múltiplos afazeres.

126. Assim é que Deus todo-poderoso, pela determinação do Pastor da Igreja Universal, quis pôr termo às névoas do descuido; e, Ele próprio, abriu a sua mão e bradou do céu com o fragor dos milagres para dar a entender de modo manifesto que toda a corte da celeste Jerusalém se regozijava com imensa alegria e se congratulava com a manifestação da glória, sobre a terra, de seu grande concidadão. Os santos, livres do aguilhão de qualquer inveja e estreitados no seio do divino amor, querem que a todos seja comum o trasbordamento de sua bênção. A vista é dada aos cegos, a marcha aos coxos, o movimento aos paralíticos, a fala aos mudos, a libertação aos possessos, a convalescença às febres. É decretado o desterro de todas as doenças e a santidade de Domingos, o eleito de Deus, é demonstrada superabundantemente.

Nicolau da Inglaterra, desde muito paralítico, vimo-lo saltar nesta solenidade. Depois de uma promessa, desapareceu uma doença infecciosa incurável. Foi uma fuga geral de tumores. E muitos outros prodígios examinados e expostos, foram evidenciados meridia-namente, por ocasião de sua canonização, diante do Sumo Pontífice, dos censores cardeais e de todos os presentes.

Nem é de admirar que tais coisas pudesse fazer, reinando junto de Deus, aquele que, ainda envolto na veste mortal, recuperou ileso do fogo o libelo da fé, sentiu que a Virgem Mãe socorria um frade enfermo, afugentou a chuva com o sinal da cruz, só com uma oração acendeu uma vela no bosque, libertou um noviço de um estranho ardor de suas roupas, expulsou o demônio com a cruz, a duas pessoas renunciou a morte do corpo, a duas outras a morte da alma, ressuscitou dos mortos em Roma, viu o Cristo a chamá-lo na hora da morte, apareceu com uma coroa a um discípulo no cânon da Missa, numa visão se mostrou elevado pela Virgem Maria e seu Filho ao trono da Glória em brancas escadas. As cartas do Papa Gregório sobre a sua canonização atestam muitos insignes milagres dele e os gloriosos cimos de sua vida virtuosa.

127. Chegou o célebre dia da transladação deste grande doutor. Chegou o venerável arcebispo de Ravena e um grande número de bispos e prelados.

Afluiu por devoção uma multidão incontável de povo, vindo de diversas regiões. As milícias armadas equipadas da cidade de Bolonha vigiavam, para que lhe não fosse roubado aquele corpo santo que os protegia.

Os frades estão ansiosos, empalidecem, rezam com medo, apavorando-se sem razão (Sl. 13,5), isto é, temendo que o corpo de São Domingos, que estivera tanto tempo sujeito às intempéries, num lugar horroroso assim como o de alguém que fosse contado entre os mortos, aparecesse devorado pelos vermes, exalando um mau cheiro insuportável e assim se apagasse a devoção para com tão grande homem. Sem saber o que fazer, restava-lhes um único recurso: abandonar-se totalmente a Deus.

Eis que se aproxima a piedosa procissão dos bispos. Eis que também outros se aproximam, armados de ferramentas. É tirada a pedra, colada ao sepulcro com duro cimento. Enterrado embaixo estava o caixão de madeira, tal como o deixara ali o venerável Papa Gregório, então bispo de Ostia. Na tampa do caixão, havia um pequeno furo.

128. Assim que foi tirada a pedra, um odor maravilhoso começou a evolarse pelo furo e os presentes, atônitos pela fragrância, maravilhavam-se sem saber o que era.

Mandaram abrir o caixão e parece que se abria um jarro de perfumes, um paraíso de aromas, um jardim de rosas, um canteiro de lírios e violetas que venciam a suavidade de todas as flores. Bolonha, outrora, com a entrada dos carros, se enchia de mau cheiro. Mas, ao se abrir o sepulcro do glorioso Domingos, alegra-se, purificada pelo odor que vence a suavidade de todos os aromas.

Pasmam os presentes e prostram-se aterrados pelo pasmo. Precipitam-se para a frente e o pranto inspirado por Deus se mistura com o júbilo. Nos espíritos alternam-se o temor e a esperança, chocam-se num contraste de sentimentos, sentindo a suave maravilha do perfume.

Nós também fomos dos que sentiram a doçura daquele perfume, e do que vimos e sentimos damos testemunhos (Jo. 13,11). Jamais poderíamos saciar-nos de tão grande doçura, mesmo que ficássemos de propósito o maior tempo possível junto ao corpo de São Domingos, o arauto da palavra do Senhor. Aquela doçura extinguiu qualquer aborrecimento, inoculava a devoção, suscitava milagres. Tudo o que tocava aquele corpo, fosse a mão, fosse o cinto, ou outra coisa qualquer, pegava aquele perfume por um tempo enorme.

129. O corpo foi levado para um túmulo de mármore e aí foi depositado com os seus próprios aromas. Aquele maravilhoso perfume que se exalava do santo corpo mostrava a todos, luminosamente, quanto ele era o bom odor do Cristo (2Cor. 2,15). A missa foi celebrada pelo Arcebispo. Era a terça feira de Pentecostes e quando o coro entoou o intróito: “Vinde tomar posse da alegria de vossa glória”, parecia que os frades, na sua alegria, recebiam este canto como se viesse do céu. Retumbam as cornetas, a multidão levanta um mar de velas, organizam-se belas procissões, e por toda parte ecoa: “Bendito seja Jesus

Cristo!”

Estes fatos aconteceram na cidade de Bolonha, no dia 24 do mês de maio do ano do Senhor de 1233, reinando gloriosamente o Papa Gregório IX, e governando o império Frederico II.

130. Embora o número dos milagres só de Deus seja conhecido, aqui coloquei alguns poucos que parecem mais autênticos e que foram lidos, por ocasião de sua canonização, na presença do Sumo Pontífice, dos reverendos cardeais, de todo o clero e de todo o povo.

CARTA ENCÍCLICA DE JORDÃO DE SAXÔNIA

A meus caríssimos filhos em Cristo Jesus, a todos os irmãos que se encontram na Província de Lombardia, Frei Jordão, seu servidor inútil, saudação do Espírito.

A caridade me urge, a utilidade me aconselha a visitar-vos de alguma maneira por escrito, pois que isso me é possível, e que não posso tornar-me presente no meio de vós como eu quereria. Porque na nossa peregrinação aqui na terra (Sl. 118,54), desde quando o coração do homem é mau, inclinado aos vícios, negligente e preguiçoso em relação às virtudes, temos necessidade de que nos encorajem, que o irmão venha em auxílio do irmão (Prov. 18,19) e que, por sua solícitude, a caridade sobrenatural ilumine o ardor do espírito que o langor de nossa própria negligência faz desaparecer a cada dia. Eis porque, filhos caríssimos, eu vos rogo e vos admoesto com toda a minha força, vos adjurando por Aquele que vos resgatou pelo seu sangue venerável e vos curou por sua morte para a vida, de não esquecer vossa profissão nem vossa vocação; de vos lembrar ao contrário, dos caminhos de outrora (Jer. 6,16), pelos quais nossos predecessores caminharam rápido para o próprio repouso (Hbr. 4,11), no sopro poderoso do Espírito (Sl. 47,8), a fim de reinar doravante com o Senhor na consolação de uma bem-aventurada e perpétua paz, cheios de alegria ao recordar os dias em que Deus os humilhava, os dias em que conheceram a infelicidade (Sl. 89,15). Enquanto aqui viviam, aspiravam aos dons espirituais (1Cor. 14,12), desprezavam a si próprios, desdenhavam do mundo, desejavam ardentemente o reino do céu, ricos de paixão.

Um deles, estamos certos, ultrapassava todos os outros: nosso pai venerável e de santa memória, Domingos; que, enquanto vivia conosco na carne, agia no espírito. Não contente de não cumprir os desejos da carne (Ga. 5,16), ele os extinguiu. Na sua alimentação, vestimenta, atos e gestos, manifestava uma autêntica pobreza. Orando sem cessar, acessível de modo especial à compaixão, pronto a chorar, fervoroso no zelo pelas almas, sem covardia face às penas nem perturbado nas dificuldades. A estatura que alcançou entre nós aqui na terra, suas obras o proclamavam, suas virtudes e seus milagres davam dele testemunho. A estatura que conserva de agora em diante junto de Deus, nestes últimos dias, quando transferimos seu corpo sagrado da primeira sepultura para um local em que possa ser venerado, foi manifestada por sinais, aprovada por milagres, como vocês o saberão, eu espero, mais plenamente de outro escrito.

Devemos, pois, louvar a seu respeito o nosso Redentor, o Filho de Deus, Jesus Cristo, que se dignou escolher para si um tal servidor e colocá-lo para nos dirigir como um pai, a fim de nos moldar por sua instituição de vida regular e nos inflamar pelo exemplo de sua santidade resplandecente. Oh! Como é grande o preço da verdadeira humildade do coração a que a pobreza acompanha, junto d'Aquele que pesa os espíritos (Prov. 16,2). Como é bela

junto de Deus a geração dos castos na claridade (Sab. 4,1). Nestas virtudes o servidor de Deus, Domingos, se destacava, humilde a respeito de si próprio, invejoso de uma divina inveja (2Cor. 11,2) para com cada um, virgem e íntegro desde o seio de sua mãe.

Nem todos agem assim. Nem aqueles que se gloriam a si próprios e que, ávidos de serem louvados em particular, experimentam a respeito de si mesmos sentimentos tanto mais superiores (1Tim. 6,17) quanto maiores graças receberam para servir o próximo. Nem aqueles que buscam suas próprias comodidades, professam a pobreza, mas não a põem em prática; que, obrigados a tudo desprezar acabam ocupados com objetos minúsculos ou indignos e não suportam que lhes falte algo daquilo que seu capricho insaciável reclama. Em sentido inverso, não observam a regra que lhes foi fixada pela caridade de seu pai, aqueles que escondem debaixo de um vasilhame (Lc. 11,33) a graça de pregador ou de diretor de alma que receberam do Senhor, guardando fechado no lenço o talento recebido do Mestre (Lc. 19,2). Merecem ser repreendidos - senão malditos, Deus nos livre! - os que retiram o trigo do povo (Prov. 11,26) e não distribuem no devido tempo à casa de Jesus Cristo a sua medida de trigo (Lc. 12,42).

A isto se acrescenta, da parte de um bom número, uma negligência já bem sensível: a maior parte dos superiores não cuidam dos estudos e enviam a pregar fora ou sobrecarregam com toda espécie de encargos os frades bem dotados e capazes, com tal freqüência, que estes não conseguem mais estudar. Quanto aos professores, eles preenchem em alguns lugares sua responsabilidade quanto aos cursos com tanta parcimônia e moleza que não é de espantar se escutam suas aborrecidas lições com maior aborrecimento ainda. Se por ventura alguns dos professores se mostram diligentes em suas tarefas, ocorre ainda da partes dos frades um terceiro perigo: é que os ouvintes se entregam aos estudos com tanta negligência, raramente se encontram nas celas, sejam tão preguiçosos por ocasião das “repetições”, tão aborrecidos nas disputas - alguns para se entregarem mais livremente a indiscretas devoções, outros, mesmo, por causa de uma funesta e miserável atração pela “boa vida” - que não se limitam a deixar o barco correr e a aborrecer seus professores: eles retiram a possibilidade de salvação a numerosas almas que poderiam edificar para a vida eterna, se tivessem estudado como é preciso e não com negligência. Eis porque muitos entre nós se encontram sem forças e como que adormecidos (1Cor. 11,3), muitos perecem pela negligência dos superiores e dos professores, ou por sua própria culpa.

Bem-aventurado, então, é aquele que encontra a nota justa, não abandona o exato equilíbrio, que se afasta tanto da pusilanimidade quanto do furacão (Sl. 54,9), que edifica a muitos e não descuida o utilíssimo exame de consciência pessoal, nem o esforço atento e freqüente de julgar a si próprio; aquele que não acaricia a brisa do favor dos homens, mas que urge a caridade e conclama o Espírito de Deus em cada ação que empreende; que não deixa de lado nada

do que faz ou diz e nem corre ao acaso (1Cor. 9,26), porque em tudo busca pura e simplesmente a glória de Deus, a edificação do próximo, ou sua própria salvação.

Eis aí, irmão, uma palavra que nem todos compreendem (Mt. 19,11). Quantas vezes as divagações indecentes ou incertas de nossas afeições nos conduzem fora dos verdadeiros caminhos, não procedem na verdade (Sl. 24,5) e não contemplam o fim indispensável! Diríamos, faríamos, suportaríamos muitas coisas que nos permitiriam tornar-nos certamente muito maiores em méritos e de sobra mais ricos em virtudes, se a caridade transbordando em nossos corações dirigisse e dispusesse todo o conjunto rumo ao fim verdadeiro, que é Deus! Mas, na realidade, face à vaidade tão freqüente de nossos pensamentos, à vaidade maior ainda de nossas afeições e a insuficiente purificação de nossas afeições profundas, seria de espantar que chagássemos tão tardiamente à plenitude, que sejamos tão excessivamente lentos a subir rumo à perfeição?

Não diria, no entanto, que, pela misericórdia de Deus, eu não veja alguns dentre vós que me encham de alegria e me levam a render graças a Deus: irmãos que mantêm o culto da beleza (Eclo. 44,6), cultivam a própria consciência, buscam tornar-se perfeitos, se consagram com odor à pregação, são fervorosos no estudo, se inflamam nas orações e meditações (Sl. 38,4), velando para guardar sempre o Senhor sob seus olhos (Sl. 15,8), sabendo que Ele é o remunerador e o juiz de sua alma.

Ó vós que assim sois, exultai de alegria, caríssimos amigos, e rezai para que cresça ainda vossa abundância (1Cor. 4,12). E vós que não o sois ainda, entregai-vos a esta tarefa e fazei apelo a toda a vossa habilidade, afim de crescer para a vossa salvação (1Ped. 2,2) n' Aquela que se dignou vos chamar à graça, na qual fostes estabelecidos, para tornar-vos perfeitos e não arrefecer nosso Salvador bom e amoroso, o filho de Deus Jesus Cristo, a quem pertence a honra e o poder agora e na eternidade pelos séculos dos séculos. Amem!

ORAÇÃO AO BEM-AVENTURADO PAI DOMINGOS

Sacerdote santíssimo de Deus, confessor admirável, Bem-aventurado pai Domingos! Tu que és puro, eleito do Senhor, querido e amado por Deus com predileção. Tu que és glorioso pela vida, pela doutrina, pelos milagres! Nós nos alegamos em possuir-te por intercessor, junto ao Senhor, nosso Deus.

A ti a quem, entre todos os santos e escolhidos de Deus, consagro uma especial devoção, quero clamar, do íntimo de minha alma, neste vale de misérias. Eu te suplico, ó pai boníssimo, que socorras a minha alma pecadora, sem virtude e sem santidade, manchada que está de muitos defeitos e pecados.

Acode à minha alma culpada e triste, ó alma bendita e feliz deste homem de Deus, enriquecida pela copiosa benção da graça divina! Tu não só foste elevado ao descanso ditoso, à mansão da paz e à gloria celestial, mas quantos

não foram atraídos a essa mesma bem-aventurança pelo admirável exemplo de tua vida, animados pelos teus suaves conselhos, instruídos pela tua sã doutrina, imantados por tua palavra de fogo. Sê-me pois propício, ó Bem-aventurado Domingos, e inclina os teus piedosos ouvidos à voz de minha súplica.

Minha alma pobre e indigente, em ti se refugia e prostra-se em tua presença com a maior humildade. Minha alma débil, arrasta-se penosamente aos teus pés. Minha alma agonizante, com todas as forças te suplica que te dignes, com teus poderosos méritos e a tua clemente intercessão, vivificá-la, curá-la e cumulá-la com o dom de tua benção trasbordante. Eu sei, eu tenho plena certeza que tu podes fazê-lo. De tua grande caridade, espero que o queiras. Eu confio que alcançarás quanto pedires da imensa misericórdia do Salvador.

Sem sombra de dúvida eu creio que nada te negará Jesus Cristo, teu íntimo amigo, teu amado e entre todos escolhido. Dele, que embora teu Senhor e Deus, é no entanto teu amigo, obterás tudo o que quiseres. O que poderá o amado negar a quem tanto ama? Que não retribuirá a quem tudo abandonando entregou-se a si mesmo e tudo o que é seu? Assim o cremos e eis o motivo de nosso louvor e veneração.

Desde a idade mais tenra, consagraste tua virgindade ao esposo das virgens; aformoseado pela água batismal e adornado pelo Espírito Santo, ofereceste a tua alma ao Rei dos reis, no altar do mais casto amor. Nutrido na vida cristã desde o princípio, encaminhaste teus passos para as alturas da santidade. Crescendo de virtude em virtude, avançaste sempre no caminho da perfeição. De teu corpo fizeste uma hóstia viva, santa e agradável a Deus. Instruído pela doutrina do Alto, inteiramente te consagraste ao Senhor. Tomaste resolutamente o caminho da santidade, desprendendo-te de tudo o que é temporal, para seguir o Cristo despojado, preferindo antes juntar tesouros para a vida eterna do que para a vida presente. Renunciando-te a ti mesmo, e tomando corajosamente a tua cruz, procuraste imitar os exemplos de nosso Mestre e Redentor. Devorado pelo zelo de Deus e pelo fogo do Alto, te consagraste ao serviço da vida apostólica, incitado por tua imensa caridade e obedecendo a teus anseios de perfeição evangélica, e para tão nobre fim é que fundaste a Ordem dos Pregadores, realizando assim os desígnios de Deus. Com teus gloriosos méritos e exemplos iluminaste a Santa Igreja espalhada por todo o universo. Deixando esse cárcere do corpo, subiste gloriosamente à pátria dos eleitos. Cingido com a veste da glória, estás diante do trono de Deus para interceder por nós.

Rogo-te, pois, que me ajudes a mim e a quantos me são caros. Como também a todo clero, ao povo todo a ao piedoso sexo feminino. Tu, que com tanto zelo, anelaste pela salvação do gênero humano. Entre todos os santos, és minha esperança e meu consolo, depois da Bem-aventurada Rainha das Virgens. De ti me socorro. De ti me acerco. A teus pés me prostro.

Suplicante, invoco-te e imploro como Patrono; a ti me recomendo com devoção. Digna-te, pois, eu te peço, receber-me, guardar-me com bondade,

para que, ajudado pela tua proteção, mereça alcançar a desejada graça de Deus, encontrar sua misericórdia e obter, enfim, para minha salvação, os remédios da vida presente e futura.

Alcança-me tudo isso, ó Mestre, alcança-me. Que tudo isto me seja dado, eu te suplico, ó chefe ilustre, ó glorioso pai, Bem-aventurado Domingos. Socorre-me, eu te rogo e a todos que te invocam. Sê para nós verdadeiramente Dominicus, guarda vigilante do rebanho do Senhor.

Vela sempre por nós e conduz aos que a ti se recomendaram. Corrige-nos e, corrigidos, reconcilia-nos com Deus. Depois deste exílio, apresenta-nos jubilosos ao Senhor e ao Nosso Salvador Jesus Cristo, Filho muito amado e Altíssimo de Deus, cuja honra, louvor, glória, gozo inefável e eterna felicidade, com a gloriosa Virgem Maria e toda corte dos moradores celestes, permanecem sem fim pelos séculos dos séculos.

Tradução: *Frei Eliseu Lucena Lopes OP*